

Rev.

V.

ANO LXVIII

— N.º I —

JANEIRO DE 1916

1195

Revista Militar

2.^a Época

FUSÃO da Revista Militar, Revista do Exercito e da Armada
Revista da Administração Militar e Portugal Militar



DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

9 - Largo da Anunciada - 9

TIP. UNIVERSAL - Rua do Diario de Noticias, 110

LISBOA

Empreza da REVISTA MILITAR

SOCIOS HONORARIOS

Sebastião Custodio de Souza Telles
General de divisão

José Augusto Alves Roçadas
Coronel do serviço do estado maior

SOCIOS EFECTIVOS

Luiz de Souza Folque
General de divisão
Francisco J. Ferreira do Amaral
Vice-almirante
Carlos Roma du Bocage
General de divisão
Domingos José Corrêa
General de divisão
João C. Rodrigues da Costa
General de divisão
José Estevão de Moraes Sarmento
General de divisão
Alfredo de A. Lopes de Macedo
General de brigada
Fernando Larcher
General
João Martins de Carvalho
General
João Serras Conceição
General de brigada
José Fernandes da Costa Junior
General de brigada
José Cezar Ferreira Gil
General
Alexandre José Sarsfield
Coronel de infantaria
José Joaquim de Castro
Coronel
José Nunes Gonçalves
Coronel d'artilharia
Luiz Antonio Alves Leitão
Coronel
Francisco J. d'Oliveira Sá Chaves
Coronel de cavallaria
Francisco Xavier Corrêa Mendes
Coronel do estado maior
Luiz Henrique Pacheco Simões
Coronel d'infantaria
Augusto Ramos da Costa
Capitão de fragata
Pedro Guilherme dos Santos Diniz
Capitão de fragata

Victorino Gomes da Costa
Capitão de fragata
Affonso H. Lopes de Macedo
Tenente coronel
Guilherme de Campos Gonzaga
Tenente coronel d'artilharia
João Baptista da Rocha Grillo
Tenente coronel do secretariado militar
José Joaquim Mendes Leal
Tenente coronel d'infantaria
Luiz Antonio de Vasconcellos Dias
Tenente coronel da adm. militar
José Justino Teixeira Botelho
Tenente coronel d'artilharia
Antonio José de Mello
Major
João Ortigão Peres
Major d'inf.^a e do serviço do est. maior
Rodolpho Ferreira Dias Guimarães
Major d'engenharia
Joaquim A. da Matta e Oliveira
1.^o tenente da armada
Alberto David Branquinho
Capitão da adm. militar
Arthur Ivens Ferraz
Capitão d'artilharia e do serv. do est. maior
Fernando Augusto Freiria
Capitão d'art. e do serv. do est. maior
Henrique Linhares de Lima
Capitão da adm. militar
José Ferreira Martins
Capitão
Julio Ernesto de Moraes Sarmento
Cap. de cav. e do serv. do est. maior
Luiz A. Ferreira Martins
Cap. d'art. e do serv. do est. maior
Luiz de Mello e Athayde
Capitão d'infantaria
Raul Augusto Esteves
Capitão de engenharia
Manoel da Costa Dias
Tenente da adm. miilte.

Cargos para 1916

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

PRESIDENTE

General Fernando Larcher

VICE-PRESIDENTE

Tenente coronel José Justino Teixeira Botelho

SECRETARIOS

Tenente coronel João Baptista da Rocha Grillo
Capitão Fernando Augusto Freiria.

DIRECÇÃO

PRESIDENTE

General de divisão José Estevão Moraes Sarmento

VOGAIS EFECTIVOS

General João Martins de Carvalho
Coronel Francisco José d'Oliveira Sá Chaves
Coronel Luis Henrique Pacheco Simões
Tenente coronel José Joaquim Mendes Leal
1.º tenente Joaquim Anselmo da Matta e Oliveira
Capitão Luiz Augusto Ferreira Martins.
Capitão Alberto David Branquinho.

SECRETARIO

Major Rodolpho Ferreira Dias Guimarães

VOGAIS SUPLENTES

Coronel Francisco Xavier Corrêa Mendes
Capitão de fragata Pedro Guilherme dos Santos Diniz
Capitão Henrique Linhares de Lima

CONSELHO FISCAL

VOGAIS EFECTIVOS

General Alfredo d'Antas Lopes de Macedo
Capitão de fragata Augusto Ramos da Costa.
Tenente coronel Luis Antonio de Vasconcellos Dias

VOGAL SUPLENTE

Capitão Arthur Ivens Ferraz

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 1

Janeiro de 1916

Ano LXVIII

Director, proprietario e editor — Empresa da Revista Militar

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL

pertencente a Coelho da Cunha Brito & C.ª — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa



Novo ano... vida velha

Entrou este jornal no 68.º ano de existencia, e em tão largo espaço de tempo jámais teve que comemorar acontecimentos militares mais tragicos, do que aqueles que nos ultimos tempos se têm succedido, quasi que simultaneamente, em varias regiões do mundo.

Os homens reflectidos, e que acompanharam com cuidadosa observação a grande colisão de interesses economicos, que precedeu a espantosa luta de forças materiais, a que vai para dois anos estamos assistindo, não duvidaram jámais de que esta luta haveria fatalmente de succeder áquela colisão, mas o que não podiam prevêr era que a guerra se prolongasse pelo tempo, que já tem durado, tomando proporções que ultrapassam todas as conjecturas possiveis.

Nestas mesmas colunas, em grande numero de artigos, que passaram certamente despercebidos da maioria dos leitores, e que por alguns foram, talvez, acoimados de pessimistas, quem escreve as presentes linhas procurou evidenciar, com a clareza de que podia dispôr, a medonha situação belica, que se estava preparando na Europa, graças ao verdadeiro furôr com que as grandes potencias procuravam fazer expandir cada dia mais as suas forças productoras, auxiliadas para esse fim por um desenvolvimento comercial, que batia em brecha as providencias legislativas mais argutas, com que cada uma delas, por seu turno, procurava defender-se daquela invasão de productos estrangeiros.

Aqui ficou registado, não com banais afirmativas, mas com

a evidencia dos numeros estatisticos, como a Alemanha havia conseguido bater na propria Inglaterra o grande poder industrial deste país, facto que fez dizer a M. J. R. Seeley, que — «o commercio dirigido com tal método, era quasi que identico á guerra, e difficilmente podia deixar de conduzir á guerra» —.

Nestas breves palavras se demonstra toda a agudeza do espirito do notavel historiador inglês, que as escreveu. Lêmos quasi diariamente na imprensa os numerosos diplomas diplomaticos, com que as diversas chancelarias procuram lançar sob os adversarios a responsabilidade da guerra actual, e as dissertações jornalisticas, ainda mais abundantes, com que a imprensa de cada país busca robustecer tais afirmativas, mas tanto aquelles como estas nos mantêm irreductivelmente scepticos no assunto.

É porque, em cada dia que passa, ao nosso modesto espirito com mais relêvo se evidencia a justeza das considerações, que nestas mesmas colunas tivêmos occasião de desenvolver, no decurso dos anos de 1913 e 1914, designadamente em um artigo, que se póde considerar como a synthese de quanto então escrevemos ¹.

Sustentámos por essa occasião, em vista da gigantesca colisão de interesses economicos que ía travada, ser uma verdadeira utopia a doutrina de que os progressos da civilização e a aproximação dos povos terminariam por assegurar a paz universal, aventada pelos filantropos pacifistas, os quaes se esqueciam, ou não queriam vêr, que as divergencias da constituição mental e o desacôrdo delas resultante, sobretudo a luta de interesses criados e desenvolvidos por essa mesma aproximação, originavam cada dia uma hostilidade mais pronunciada entre os povos de raças diferentes.

E os factos posteriores demonstraram, que quem estava no certo eram os que reflectidamente combatiam tais devaneios de imaginações ardentes, posto que generosas. O filosofo Danteo sustentando que a multiplicação dos homens, em tempo de paz, provoca fatalmente as guerras sucessivas, porquanto a ambição e a inveja constituem na mentalidade deles o tráo indelevel da sua natureza belicosa, demonstrava toda a clarividencia do seu culto e agudo espirito. Efectivamente, a lei uni-

¹ A Rivalidade Anglo-Alemã. *Revista Militar* n.º 1, de janeiro de 1914

versal da concorrência vital, com as suas inexoráveis consequências no mundo animal, não é completada ou corrigida no homem por quaisquer outras leis. E, sendo assim, por mais activa que seja a propaganda pacifista, aquela terrível lei hade, através do tempo, exercer sempre a sua invencível acção.

A incompatibilidade de character, derivada das diferenças profundas, que existem na constituição mental dos diferentes povos, e a multiplicação dos homens, agravadas pela lesão de interesses, têm sido no decorrer dos seculos, na verdade, e continuarão a sê-lo nos tempos vindouros, as causas irreductiveis das lutas seculares.

Ainda a meio da gigantesca contenda, que vai travada, quando a lição dos factos não permite prevêr com segurança de que lado se pronunciará a victoria decisiva, já não faltam argutos espiritos que avancem e próvem, que a esta grandiosa guerra hade succeder outra ainda mais terrível, na qual os vencidos da presente hão de procurar obter a mais completa desforra dos triumphadores.

A asserção harmonisa-se inteiramente com a lei universal da concorrência vital, a que anteriormente ficou feita alusão. O espirito de combatividade é inerente aos caracteres fortes e resolutos. Que sejam os francos, que sejam os germanos os vencidos, o que préviamente se póde ter por garantido é que os vencedores não erguerão por largo tempo entusiasmados as palmas da victoria, sem que os adversarios lhas busquem violentamente arrancar das mãos.

Nesta previsão o dever das nações que, como Portugal, querem ser livres, e manter inviolaveis os seus direitos de nacionalidade, é continuarem imperturbavelmente a cuidar da sua segurança, tendo bem presentes no espirito a lição oferecida pela Belgica, pela Servia e pelo Montenegro, a qual está provando não poderem as pequenas nações existir hoje, senão quando, pelo seu grande espirito de resistencia e heroismo, demonstrem não só que pretendem, mas *querem* afirmar o direito á vida.

Se a imprensa militar teve nos tempos volvidos uma importancia excepcional para a prédica de uma tal cruzada, a sua missão necessariamente assume maior valia na epoca, que se vae seguir.

São os jornais militares que concorrem para manter vívidas

nas fileiras as virtudes marciais, sem as quais não ha exercito digno de tal nome. São eles que apontam e divulgam os pontos fracos do organismo defensivo, a que convém dar remedio pronto e seguro. É nas suas colunas que melhor e mais eficazmente são propagadas as doutrinas tecnicas, cujo conhecimento é essencial derramar nas fileiras. Nas suas paginas se divulgam e colecionam, igualmente, os diferentes e continuos progressos scientificos e industriais, cujo oportuno aproveitamento solidifica incessantemente o poder militar.

Nesta austera missão tem vivido, ha quasi setenta anos, a *Revista Militar*, com brilho mais ou menos intenso, segundo as forças dos seus colaboradores, mas sempre com a mesma fé patriótica. Na leitura das suas paginas, mais do que em outras quaisquer fontes, encontrará o investigador avisado o reflexo seguro da vida profissional mais ou menos intensa, que naquele lapso de tempo têm tido as instituições militares nacionais.

E esse testemunho é tanto mais valioso e imparcial, quanto que este jornal tem atravessado os periodos mais angustiosos, durante os quais as paixões politicas se desencadearam no país, conservando-se inteiramente indifferente a elas. O seu lema póde reduzir-se a estas breves palavras: — «Tudo pela Patria e pelo exercito; nada do que seja alheio ás questões da defesa nacional» —. E no desempenho de tão santa cruzada lisongea-se a *Revista*, que teve entre os seus fundadores um dos mais notaveis estadistas nacionais do seculo XIX¹, de ter encontrado os mais valiosos colaboradores. Raro é o nome dos antigos e mais ilustrados officiais do exercito, que não tenha contribuido com algum escrito para honrar as suas paginas. A *Revista Militar*, constitui assim um verdadeiro album, em que se encontram coligidos desde os trabalhos profissionais de chefes do estado², até aos dos mais modestos officiais.

¹ O General Antonio Maria Fontes Pereira de Mello.

² D. Pedro V colaborou na *Revista Militar*, escrevendo o artigo principal do n.º 9, de 15 de maio de 1860, intitulado *O Caminho de ferro de leste—A razão economica e a razão estrategica* —, o qual foi publicado sem assinatura, e a que respondeu um tanto rudemente o então capitão de infantaria n.º 17, Luiz Augusto Pimentel. Não sofreu ao monarca ficar calado, e, apesar da posição modesta do seu contradictor, respondeu-lhe mui cortezmente, mantendo o anonimato, no n.º 12, de 30 de junho, em artigo intitulado — *Ainda o caminho de ferro de leste—Duas palavras ao sr. capitão Luiz Augusto Pimentel*. Este official só conheceu quem era a pessoa, que contraditava, ao escrever

Ainda no ano tão difficil, que acaba de findar, não obstante as inumeras e variadas contrariedades com que lutou, devidas essencialmente á guerra europeia e aos factos occorridos nos nossos dominios ultramarinos, este jornal procurou corresponder a tão nobres tradições. Quem se der ao incomodo de o cotejar com o restricto numero de publicações da mesma natureza, que ao presente se publica no estrangeiro, ainda nas nações que têm guardado a neutralidade, reconhecerá que a *Revista* conseguiu manter honradas as tradições de actividade intelectual, que antecedentemente o nosso exercito havia conquistado.

Neste novo ano continuará ella empenhando-se em sustentar as mesmas tradições, com aquella impertubavel fé, que lhe conquistou a situação de ser o mais antigo periodico português de ininterrupta publicação, e, tambem, o mais antigo jornal militar dentre os que se publicam no mundo.

Essa nobilissima situação, se origina maior incitamento ao trabalho, impõe paralelamente grandes responsabilidades, tanto maiores quanto que a grandiosa transformação, que se está operando na Arte da Guerra, como que apavorou os espiritos, que na imprensa cultivavam o seu estudo, circunscrevendo-lhes a actividade á simples observação e meditação. A este facto é devido o serem mais reduzidas, da que em qualquer outra epoca, as publicações militares.

Não obstante, apoiada na coadjuvação dos seus colaboradores, sustentada com o auxilio presistente dos seus assinantes, animada com o incitamento dos poderes publicos, que reconhecem o incontestado auxilio que á sua missão governativa lhes presta a imprensa profissional, conta a *Revista* triunfar mais uma vez das difficuldades, que venham, por ventura, a surgir nos tempos calamitosos em que estamos vivendo, correspondendo sempre ás suas honradas e patrioticas tradições, proposito este que se póde sintetizar no titulo do presenté artigo.

General MORAES SARMENTO

o seu artigo—*Lucta desigual. Torneio de um cavalleiro esclarecido com um peão que sonha*—, que foi publicado no n.º 14, de 31 de Julho, e de cujo texto se evidencia, que só então daquela distinção tivera conhecimento, na seguinte textual allusão:—«O desconhecido infunde-nos respeito pela delicadeza, com que se apresenta na liça, pela força robustissima da sua frase, e pelos brillantes golpes de erudição, com que nos fulmina. Temos a honra de ser vencido por tão nobre paladino».

A readaptação ao trabalho dos soldados mutilados e cegos

I

Entre os multiplos problemas que a guerra todos os dias apresenta ao nosso espirito de uma maneira mais instante e cujo encargo pungente será legado á sociedade de amanhã, o da utilização dos soldados mutilados e cegos é particularmente interessante. A modica pensão, que o Estado destinar aos nossos gloriosos defensores, não saldará a nossa divida para com eles; se não quizermos ser acusados de ingratição, será preciso que os coloquemos em situação de poderem assegurar a si proprios, com a maior larguesa, uma vida activa e util, unica coisa que traz ao homem a satisfação moral, necessaria á alma, como o pão ao corpo; será preciso fornecer-lhes os meios de conservarem o logar no seu lar e de ampararem as suas familias, para as quais nunca deverão constituir um encargo, se não puderem, como seria para desejar, prover ás suas necessidades. Não se trata sómente de dividas individuais que devamos saldar, mas sim de um dever social a cumprir. Já, sobretudo no campo, havia falta de braços em França; depois da guerra, porém, os obuzes e a metralha terão de tal maneira diminuido as nossas faculdades productivas, que constituiria um verdadeiro crime, despresar, por negligencia, uma parte, insignificante que fosse, das forças nacionais.

Sobre este assunto, alguns relatorios, largamente documentados, tem sido apresentados á Sociedade de medicina publica pelo dr. Borne, á Academia de medicina pelo dr. Mosny e, mais recentemente, sobre os soldados cegos, pelo dr. Bazy. Com a escola de readaptação de Lyon e com algumas outras obras do mesmo genero teremos entrado definitivamente num caminho de execução real. E' conveniente que ninguem ignore o que póde e deve fazer-se, porque todos nós podemos cola-

borar directa ou indirectamente nesta parte da empresa comum. Temos que interessar a opinião publica neste sentido.

O dr. Borne distingue tres categorias de feridos: os homens atingidos de *incapacidade funcional curavel*, os *mutilados aptos desde logo para a reeducação* e os *invalidos*.

Tem-se feito já bastante em favor dos feridos da primeira categoria. Os serviços de saude militar não tinham, segundo parece, previsto coisa alguma para eles, e, no começo da guerra, limitavam-se a mandar para suas casas os feridos de *incapacidade funcional*, medida esta que lhes era bastante prejudicial, porque, privados de cuidados e de tratamento, o seu estado tendia naturalmente a tornar-se chronico. Hoje, em cada região militar, foram fundados estabelecimentos de mecanoterapia e de massoterapia, que dia a dia, vão aperfeiçoando o seu funcionamento. Teoricamente, para o futuro, os doentes desta primeira classe serão, ou curados, ou incorporados na segunda categoria e com o tempo, ás vezes bastante longo, é certo, devem recuperar a liberdade dos seus órgãos anquilosados e o exercicio das suas funções interrompidas, tornando-se aptos para a *reeducação*.

Emquanto á segunda categoria, por esta fórmula aumentada, é conveniente compenetrarmo-nos bem da ideia de que os mutilados são capazes de executar trabalhos muito mais variados do que nós estamos habituados a observar em França. Comquanto fosse entre nós, segundo parece, que nasceu a ideia generosa de readaptar os mutilados á vida util, comtudo fóra do nosso país é que ela foi primeiramente aplicada. Na Alemanha durante o decurso do seculo XIX foram fundados alguns estabelecimentos em Munich, Stuttgart, Nowawes e Hamburgo; mas o mais celebre, o estabelecimento modelo por excelencia, é o de Copenhague, que, fundado em 1872, possui hoje uma dotação de mais de trescentos mil francos. Uma bem organizada clinica permite submeter os candidatos a um minucioso exame, depois do qual são internados sómente aqueles que apresentem aptidões fisicas necessarias para um ensino profissional apropriado á sua situação. Para as crianças existe uma escola que lhes ministra a instrução primaria até aos catorze anos; aos adultos são facultadas numerosas oficinas. Um *Heim* põe á sua disposição excelente alimentação por preço diminuto. Ordinariamente oitenta por cento destes mutilados e

doentes conseguem, ao sair de tão útil estabelecimento, fazer o mesmo trabalho que os operarios validos. A Scandinavia parece ser a terra de eleição para tais instituições, encontrando-se oficinas similares em numero muito elevado, relativamente á fraca densidade da população, em Stokolmo, em Karlskrona, na Christiania, em Helsingfors e em Gothenbourg. Em S. Petersburgo um estabelecimento analogo facilitou a *reeducação* de um grande numero de soldados mutilados, depois da guerra da Mandchuria; na Belgica, o de Charleroi é justamenté apreciado e em Paris pódem visitar-se, com intima satisfação, as interessantes oficinas dos *«Frères de Saint-Jean-de-Dieu, 223, rue Lecourbe*, onde quatrocentos mutilados e doentes recebem uma instrução intelectual e profissional que dá resultados verdadeiramente notaveis. O director, reverendo Père Jean-Paul assegurou-me que muitos dos seus antigos discipulos conseguiram alcançar uma situação invejavel. Este estabelecimento não póde, ordinariamente, satisfazer a todos os pedidos de emprego, que anualmente lhe são feitos.

Temos já atraz de nós um vasto campo de experiencia e por isso não se trata de inovações. O activo *maire* de Lyon, M. Herriot, quando em dezembro ultimo abriu a sua primeira oficina para os nossos soldados mutilados, não teve mais do que colher o ensinamento dos factos, para escolher as varias profissões, que deveriam ser destinadas aos alunos. E' certo que muitos trabalhos são inacessiveis aos mutilados com falta de um braço, para os quais será preciso reservar os logares de carteiros e de guardas; no entanto, para não falar senão dos officios manuais, eles obteem excelentes resultados na encadernação, na brochura, na fabricação de brinquedos de madeira. N'esta especie de mutilados o elemento essencial é a equação pessoal, sobretudo a vontade perseverante do doente, que cria, de individuo para individuo, grandes diferenças entre as faculdades de adaptação. No instituto dos *«Frères de Saint-Jean-de-Dieu»*, um professor, com os dois braços amputados, tendo um côto de dez centimetros no hombro esquerdo e outro de quinze centimetros no cotovelo direito, consegue, por meio da sua mão direita, munida de um polegar articulado, dispensar qualquer ajuda para comer, para se vestir e para todos os arranjos diarios da vida; escreve muitissimo bem e, dizem, que é o melhor desenhador da casa. Enquanto ao mutilado dos mem-

bro inferiores, um momento de reflexão mostra-nos que ele dispõe ainda de grandes faculdades de trabalho. Efectivamente, porque é que um individuo sem uma ou sem as duas pernas não poderá ter os officios de alfaiate, sapateiro, cesteiro, marceneiro, encadernador, corrieiro, funileiro, mecanico, desenhador, peleiro, ourives e outros ainda¹?

Muitos destes officios são, com effeito, ensinados, com resultados satisfatorios, na escola de Lyon², onde, ha cerca de tres meses, foi aberta uma secção de horticultura, na verdade pouco frequentada, pois que conta apenas 8 alunos, e o dr. Mosny observa que a viticultura, a arboricultura, a avicultura e a apicultura, que exigem uma mobilidade muito restricta, poderão, segundo as regiões, constituir preciosas occupaões.

Para os mais instruidos organisaram-se cursos de contabilidade, nos quais se ensina a dactylografia e a stenografia, sendo frequentados, em 15 de setembro, por 65 alunos dos 192 que tinha a escola. Estes alunos ficarão habilitados a desempenhar as funções de secretarios d'hotel, empregados de caixa, escripturarios e representantes de casas comerciais. Nestes casos, mesmo os mutilados dos braços deverão ficar em circumstancias pouco inferiores, porque, por exemplo, os que houverem conservado o braço esquerdo, decerto aprenderão, rapidamente, a servir-se dele como do direito.

A escola, que prevê a possivel opinião antecipada do publico, esforça-se por fazer dos seus alunos, operarios distintos. Antes da sua entrada, os medicos apreciam a capacidade de reeducação dos candidatos e mais tarde fiscalizam a perfeita

¹ Nos "Frères de Saint-Jean-de-Dieu", um alfaiate, sem os dois membros inferiores, põe em movimento, com facilidade, a maquina de costura, por meio das suas pernas articulas.

² O officio de sapateiro é muito particularmente procurado, porque é uma profissão absolutamente sedentaria, e que, ao contrario da joalharia, se encontra mesmo na aldeia. Este officio permite aos feridos agricultores, que são em grande numero, o regresso ao seu país. Para 50 aprendizes de sapateiro, havia em 15 de setembro ultimo, em Lyon, 18 alfaiates, 12 encadernadores, 18 marceneiros e 21 fabricantes de brinquedos. Pode-se ver na escola de Lyon a interessante brochura do dr. Carle — *A escola profissional de feridos* de Mr. Ed. Herriot. O director da escola, M. Basèque, outrora agregado á escola de Charleroi, obsequiosamente me informou sobre a situação actual do estabelecimento, que está agora dividido em dois grupos escolares: um na rua Rochais, 41, 1.º e outro Chemin de Fourvielle, Point-du-Jour, 26, 2.º.

adaptação dos aparelhos de protese (sobretudo braços e mãos), que devem, em certos casos, ser modificados com dispositivos particulares, apropriados aos ofícios e aos hábitos pessoais.

Paralelamente ao ensino profissional, é dada a alguns uma instrução intelectual subsidiária, que tem um pouco o character do ensino post-escolar, sobretudo aos guarda livros, entre os quais ha alguns que, em vista da representação commercial, aprendem o inglês e mesmo o russo.

Não esquecendo a extrema importancia da hygiene e dos exercicios fisicos para os corpos mutilados, depois de cada refeição os internados podem gosar recreios ao ar livre, e, para lhes conservar, ou fazer adquirir a agilidade dos seus movimentos, são postos á sua disposição jogos diversos.

Seguindo o excelente exemplo de Lyon, teem-se recentemente inaugurado, com destino aos nossos mutilados, umas quinze escolas, das quais uma, a de S. Mauricio, que actualmente conta 135 aprendizes, está dependente do ministerio do interior. Mas isto não deve ser considerado senão como um ponto de partida; é preciso que sejam fundados numerosos estabelecimentos similares em todas as regiões militares. E digo numerosos, não somente por haver toda a vantagem em não impôr aos mutilados a necessidade de se afastarem para longe das suas familias, visto que certas profissões de character local poderão ser ensinadas com proveito nas suas terras, mas também por ser conveniente que, nessas escolas o numero de aprendizes não atinja um numero muito elevado. O ensino destinado aos anormais deve ser, tanto quanto possivel, individual; é, por assim dizer, uma conversação a dois e consiste na transmissão de um conjunto de pequenos processos empiricos, variaveis com o genero e o grau da mutilação, por meio dos quais o mutilado supre a falta dos seus órgãos, procurando-se, como complemento, inculcar-lhe a coragem necessaria, para o que deve existir entre o mestre e o discipulo a confiança reciproca, uma especie de comunhão intima.

Por estas razões os «Frères de Saint-Jean-de-Dieu», assim como os directores do estabelecimento de Copenhague, reconheceram a superioridade dos mestres serem os proprios mutilados ou doentes, quasi sempre mais dedicados á sua profissão e que conduzem com menor difficuldade os seus discipulos atravez dos obstaculos já experimentados por eles proprios

animando-os com a sua presença, que constitue um exemplo, e poupando-lhes a humilhação, sempre muito sensível a um mutilado, de sentir a sua inferioridade. A organização destas escolas regionais, que, pela crueldade e pela duração de uma guerra sem precedentes, deverão ser creadas em elevado numero, é um dever que incumbe ao Estado, ou aos seus substitutos, o departamento e a comuna, credores das dividas, que membro algum da sociedade poderá deixar de reconhecer.

Emquanto aos feridos da ultima classe, a dos *invalidos*, o Estado não poderá fazer mais do que hospitalisa-los, tornando-se necessario, não só por humanidade como por interesse da colectividade, reduzir o seu numero tanto quanto possivel. Entre o invalido impotente para o trabalho, e o mutilado capaz de aspirar a um salario integral, ha muitos graus a distinguir.

Cada homem deverá conservar pelo trabalho a parte de dignidade e de independencia que a sorte lhe tiver deixado. As oficinas de que até agora temos falado, serão, é claro, unicamente destinadas á aprendizagem e, terminada esta, os operarios abandona-las-ão, deixando de existir tais instituições no dia em que por lá tiverem passado todos os mutilados da guerra, que assim o desejem. Mas, contrariamente á opinião do Dr. Mosny, eu creio que ao lado e um pouco mais abaixo destas oficinas de aprendizagem, haveria lugar, em proveito dos mais desherdados, para umas oficinas permanentes, que, a todo o tempo, assegurariam um trabalho remunerado, aumentariam um pouco os salarios quando a sua modicidade pudesse desanimar, duplicariam as cantinas baratas e finalmente creariam, ao abrigo dos choques da concorrência, um meio um pouco artificial, o unico em que muitos enfermos pudessem desenvolver utilmente a sua actividade. Temos entre nós um modelo de instituições deste genero. Visitemos as oficinas fundadas por Mr. Marsoulan em Montreuil-sous-Bois, e em Paris, rua Compans e rua Planchat, oficinas em que o Conselho Geral do Sena e o Conselho Municipal de Paris empregam perto de quinhentos operarios doentes ou estropiados. Lá se exercem, entre outros, os officios de serralharia, encadernação, fabricação de esteiras e de tapetes, etc. A originalidade desta casa está na distribuição do trabalho por turnos de operarios que, diversamente mutilados, se completam uns aos outros, como o cego e o paralitico. De forma que, encarregando-se

cada um da parte da tarefa, que segundo a sua doença, mais facilmente pode executar, as faculdades de todos, mesmo dos mais impossibilitados podem ser aproveitados com vantagem. Na oficina de encadernação, por exemplo, a verificação das paginas, que demanda muito cuidado, mas nenhuma força física, será confiada a um velho; a maquina de cortar papel poderá ser manejada por um mutilado com falta de um braço, emquanto que a preparação da lombada dos livros se destinará a um amputado de uma perna.

O salario minimo é de 1,25 fr. por dia e o medio de 1,50 fr. Uma parte, cerca de um terço dos operarios recebe um salario minimo, a outra o medio e ainda outra disfruta o mais elevado, que pode, excepcionalmente, subir a 3 fr. Apesar da pobreza destes resultados, não procurarei dissimular que o custo da empresa é bastante dispendioso; segundo o relatorio de 1911, que estou consultando, para 481 operarios, as despesas subiram este ano, no total de 363.000 fr. e as receitas atingiram apenas 231.000 fr. A diferença tem estado a cargo do Conselho Municipal até á importancia de 10.000 fr. e do Conselho Geral do Sena até 142.000 fr., ou sejam 152.000 fr., cerca de 316 fr. por operario.

E' na verdade uma assistencia cara e se-lo-ia mais se as administrações publicas não fornecessem o trabalho e não dispensassem a direcção do maior dos cuidados, o da venda dos produtos.

Mas não esqueçamos, que, para os desgraçados que trabalham nestas oficinas, nós não podemos escolher senão entre esta forma de assistencia e a hospitalização e esta ultima em Paris é avaliada em 1.200 fr. por ano e, por consequencia, sem falar da vantagem, que é inapreciavel, realisamos ainda uma economia de 75 %. E sobretudo não esqueçamos que se, para quem não tem nada, um salario de 1,25 fr. por dia é irrisorio e não chega senão á custa de prodigiosas habilidades e de esmolas disfarçadas, tais como: cantinas extremamente baratas, dadivas de vestuario usado, que permitem ao contemplado ter á justa com que viver, para o mutilado que receber a pensão do Estado e que, ordinariamente, terá a sua residencia na provincia, o mesmo salario, sendo apenas um complemento de recursos, tornar-se-á um auxilio muito apreciavel.

Creando oficinas de aprendizagem e oficinas permanentes

para os invalidos, não teremos conseguido tudo o que é preciso: restará promover que essas oficinas sejam frequentadas. Eu desejaria que fosse possível subordinar o pagamento da pensão á condição de que o mutilado daria a soma de trabalho de que fosse ainda capaz. Não desconheço tudo quanto ha de violento e revolucionario nesta proposição, nem as difficuldades de execução, aliás superaveis, que ela levantaria e lamento que prejudique o character sagrado da divida, que a sociedade contraiu para com os seus defensores; é possível que esse prejuizo seja apenas aparente, pois que aproveita ao credor tanto ou mais do que ao devedor e demais o interesse social exige talvez esse prejuizo. Imaginemos, por um momento, todas as tentações que amanhã vão assaltar o pobre mutilado: entra em sua casa e vai repousar um pouco antes de se entregar ao trabalho.

Não conquistou ele sobejamente esse direito? A pequena pensão permitir-lhe-á esse repouso, que, fatalmente, se prolongará mais do que se havia previsto, hesitando em se afastar de novo e tão rapidamente da familia. A ociosidade entorpece-lo-á; o habito da taberna espreita-o. Com um ferimento recebido na guerra, a mendicidade talvez se torne rendosa, apertando-o nas suas tenazes por ventura mais fortes do que as do alcoolismo. Tenho conhecido casos de nostalgia da rua tão intensos quanto pode se-lo a necessidade do alcool, ou da morfina. O dr. Mosny diz, com toda a razão, que só deverão ser reeducados os mutilados que voluntariamente o desejem ser e pensa que somente 10 % o maximo, terão, simultaneamente, capacidade e vontade de trabalhar. Devemos fazer todo o possível, por nos precavermos contra um resultado tão deploravel. E' preciso que, implacavelmente, os delictos de embriaguez e de mendicidade, pelo menos, suspendam, e, depois da reincidencia, suprimam o direito á pensão. Nós pretendemos salvaguardar a dignidade daqueles, a quem o heroismo, amanhã, expuzer ao perigo. Nunca a questão se havia colocado sob a forma angustiosa que ela agora toma.

Visto que esta guerra, segundo parece, terá de ser muito longa e que fará um numero incalculavel de mutilados, o problema apresenta-se da seguinte forma: devemos nós consentir que nas nossas cidades e nos nossos campos se constitua uma população de mendicantes e de alcoolicos, composta daqueles

por quem temos a mais elevada gratidão e para os quais desejamos que os nossos filhos conservem no coração os mais íntimos e inalteráveis sentimentos de admiração?

Tenhamos esperança que não deixarão de ser tomadas medidas contra uma calamidade social, que, dentro em pouco, seria tarde para evitar. Mas, sobre este ponto, sem dúvida alguma, a opinião pública e a beneficência particular muito poderão alcançar.

Em primeiro lugar, a todos os particulares e às agremiações públicas pertencerá o encargo de incitar e animar, por qualquer forma, os mutilados para o trabalho. As oficinas de aprendizagem encarregar-se-ão, sem dúvida, na mais larga escala, da colocação dos seus respectivos operários, o que não conseguirão talvez, sem o activo concurso das camaras do commercio, dos sindicatos patronais e operários e dos representantes das grandes industrias. Quando as circunstancias o permitirem, salvo o caso de indicações contrarias, cada um de nós deverá considerar como um dever o preferir um mutilado da guerra, a um concorrente valido. Não se imagine que haja exagero na afirmação de que teremos grande dificuldade em contrabalançar a opinião antecipada contraria e a decidir um grande numero de patrões, sempre tímidos, a fazer a sua escolha de colaboradores entre os mutilados. Será necessarto facilitar aos mais habéis e mais inteligentes os meios de se estabelecerem. M. Bourbon de Sarty, director da Associação para a assistencia aos mutilados pobres, acaba de fundar, para este fim, uma caixa de empréstimos, para a qual seria de grande conveniencia receber donativos e sobretudo empréstimos desinteressados, sendo indispensavel que a referida caixa sirva de modelo a numerosas instituições similares, porque, neste ponto, impõe-se a maior descentralização: para emprestar com utilidade é preciso conhecer o devedor. Se, por todos estes meios, o publico vier em auxilio dos operários mutilados e procurar tornar produtivo o seu esforço, animará extraordinariamente os hesitantes.

Mas ha mais a fazer. O prodigioso sacrificio financeiro que exige a guerra, paralisa neste momento as iniciativas pelo que diz respeito a obras sociais; o dever patriótico proíbe-nos de pedir ao Estado que distraia dos recursos destinados á defeza nacional, as importantes somas que seriam precisas para a

criação de oficinas de aprendizagem em numero suficiente. Só mais tarde poderá fazer face ás suas obrigações e no entanto qualquer demora será um perigo: O periodo critico para o reformado que deixa o serviço, é aquele em que retoma o contacto com a vida, em que ele reentra num meio pouco disposto a julga-lo ainda apto para o trabalho, onde novos habitos se contraem. Tambem é essencial que, tanto quanto possa ser, as obras particulares substituam provisoriamente o Estado para assegurar a aprendizagem durante este periodo transitorio, e que, se muitas vezes essas obras não puderem fundar oficinas, procurem conseguir que alguns pequenos industriais se prontifiquem a aceitar aprendizes mutilados, acostumando-se, pouco a pouco, á ideia de os conservar depois como operarios. Certamente que nestes organismos de assistencia, o doente nem sempre encontrará, reunidas, as condições de paciencia, de benevolencia dos patrões e de competencia, tanto medica como profissional, que o seu estado reclama, mas o tempo ganho é uma vantagem tão consideravel, que será necessario suportar com resignação tais contrariedades.

Sobretudo todos podemos, dentro da nossa esfera de acção, ajudar, o mutilado a trabalhar voluntariamente. Desde ha mezes, quantas vezes temos sentido o coração apertado vendo um reformado que saí do hospital para entrar numa vida completamente nova, ignorando o que fará no dia de amanhã, assim como o acolhimento que o mundo lhe reservará, indifferente muitas vezes á beira de um misterio cheio de ameaças! A sua coragem é ainda abnegação; mas nós seguí-mol-o, anciosamente inclinados sobre o seu futuro, que procuramos decifrar nas trevas. Ele parte ordinariamente sem que a nossa solicitude lhe traga outro conforto, além do material ou moral, e esse é bem passageiro. No entanto poderíamos exercer sobre ele uma influencia benefica, orientando vigorosamente o seu espirito para resoluções de acção. As enfermeiras nas ambulancias e nos hospitais poderiam, especialmente, exercer um predominio muito eficaz sobre os mutilados, inspirando-lhes confiança nas faculdades que lhes restam e que eles apreciam mais, mostrando-lhes os diversos ramos de actividade que se abrem para eles ainda e informando-se do seu meio individual, afim de os ajudarem a procurar tirar dele o melhor partido possivel, em har-

monia com a sua readaptação. A guerra parece colocar a alma humana como que em um estado de pressão e desenvolver, temporariamente em muitos dos nossos feridos, as melhores tendências, que, durante a paz, se achavam adormecidas. O momento em que o homem sente qualquer coisa em que se excede a si proprio, em que a simpatia e o affecto, que advinha naqueles que o rodeiam, o fazem realçar perante si mesmo, é exactamente o mais favoravel para a preparação a que atraz me refiro. E essas affectuosas relações que muitas vezes se estabelecem entre o ferido e a sua bemfeitora da ambulancia, poderiam ser muito vantajosamente aproveitadas para manter e fazer fructificar o germen, que as conversações tivessem deixado no espirito do doente, conversações que conviria se tornassem frequentes e perseverantes, com uma missão determinada, posto que discreta. Sobre isto é difficil formular preceitos gerais; depende tudo de se ser mais ou menos habil. Falando dos soldados cegos¹ poderei fazel-o com mais precisão por ser um caso determinado, que eu conheço melhor do que os outros.

II

Nunca guerra alguma fez tantos cegos como a actual; são já em numero elevadissimo, não só em absoluto, como proporcionalmente ao numero total de mutilados, o que facilmente se comprehende, porque no combate de trincheiras é a cabeça, na ocasião em que ela emerge, que o soldado tem mais exposta ao fogo do inimigo. Que eu saiba, não existe ainda estatistica completa, mas certamente, só para a França o numero de feridos cegos passa já muito alem de mil e quinhentos. Eu não creio que o soldado cego seja a vitima mais digna de lastima da guerra. comquanto todos assim o pensem. Na minha opinião, desde que elle possa restabelecer-se para um qualquer trabalho activo, é menos para lamentar do que muitos doentes inutilizados para sempre, na intelligencia, porem, de que lhes serão fornecidos os meios de poderem voltar a uma

¹ Vidé a brochura publicada pela Associação Valentin Haüy (9, rue Duroi, Paris) com o titulo : *Les soldats aveugles et leur readaptation à la vie utile.*

vida de trabalho. Quem não concordará em que o choque moral sofrido pelo ferido cego deva ser extraordinariamente violento e que a desgraça que cai sobre ele, afecte todo o seu ser, impressionando também aqueles que o rodeiam mais do que se fosse atingido por qualquer outro ferimento? Nele a relação de continuidade entre o passado e o futuro quebra-se completamente. O soldado cego pertence ao numero daqueles que mais teem a lamentar-se da insuficiencia da sua pensão, daqueles, por consequencia, para os quais o problema da subsistencia se impõe com mais intensidade. Quanto maior fôr a incapacidade para o trabalho, proveniente da mutilação, tanto mais insufficiente se tornará a pensão, porque ela não cresce na mesma proporção. O soldado cego de um só olho receberá a pensão de 600 francos, e o que tiver perdido a vista por completo a de 975 francos. Ora a verdade é que o primeiro pouco ou nada perdeu das suas faculdades de trabalho, por isso que quasi todas as profissões poderão ser exercidas por ele¹ e todos nós conhecemos individuos nestes casos, occupando excellentes situações sociais. Recentemente um medico fazia notar que, mesmo o atirador, necessita apenas de um só olho, propondo por isso fossem reenviados para a frente de batalha as praças que se achassem em tais circumstancias. O prejuizo quasi unico sofrido pelos soldados que perderam apenas um olho, consiste em que eles estão, mais do que os outros, ameaçados da cegueira completa, e, salvo casos muito raros, não seriam excessivamente lesados se, provisoriamente, se lhes não concedesse pensão alguma, mas somente se lhes reconhecessem direitos para fazer valer no dia em que perdessem completamente a vista. Os cegos de ambos os olhos, pelo contrario, são obrigados, quasi sempre, a renunciar á sua antiga profissão; torna-se-lhes necessario fazer uma aprendizagem complicada, que nunca lhes proporcionará senão salarios bastante diminutos. Os seus ganhos serão consideravelmente diminuidos e as suas despesas notavelmente aumentadas. Suponhamos agora que, alem disso, o cego perdeu tambem um braço ou mesmo os dois — e ha exemplos destes infortunios — este desgraçado ficará incapaz de

¹ Quando muito, pode-se dizer que seria talvez imprudente exercer, *sem oculos preservativos*, alguns officios, tais como os de mineiro, vidraceiro, metalurgico, laminador, cantoneiro, etc.

qualquer readaptação, com absoluta necessidade de alguém que o sirva a todos os momentos; e, comtudo, será com custo que conseguirá o aumento da sua pensão a 200 francos.

Ainda, em muitos casos, a diferença entre a pensão do cego de um só olho e o cego dos dois tem estado arriscada a ser bastante diminuída. Em virtude da lei de 1831, sempre em vigor, nos primeiros mezes da guerra, as juntas de saúde deviam incorporar no mesmo grupo os cegos dos dois olhos e os cegos de um somente. Muitas vezes, com efeito, tendo perdido um dos olhos, o outro ficará com a sua visão diminuída ou mesmo extinta, comquanto na apparencia permanecesse intacto.

Ora a lei não permitia considerar senão as lesões visíveis a olho nu, e mesmo estas, apreciáveis com o oftalmoscópio, não eram admitidas. Os oculistas que com os modernos métodos, determinavam o grau de visão do olho arruinado, não podiam aproveitar-se desta circumstancia para a classificação nos quadros da reforma. Felizmente o decreto de 24 de março ultimo, salvaguardando, ao mesmo tempo, os interesses das vítimas e os do Estado, estipulou indemnidades provisórias proporcionais á diminuição do poder de visão e que, depois de dois anos, se transformarão em pensões vitalícias, se a doença se tornar incurável. Este exemplo mostra bem quanto são antiquados os textos que ainda regulam este assunto, mas a verdade é que nós fomos surpreendidos, antes de os termos adaptado ás condições que deviam inspirar a atrocidade das guerras modernas, o aumento dos salarios e do custo da vida e os progressos da oftalmologia. O criterio que hoje se nos impõe, é o que foi adoptado para os accidentes do trabalho: a diminuição da capacidade de trabalho; e, para que o Estado possa fazer face ás suas obrigações para com os gloriosos feridos, cujo numero é tão consideravelmente maior e a sua manutenção bem mais dispendiosa do que outrora, será, em certos casos, necessaria uma redução das pequenas pensões, em proveito das grandes. Num serviço verifiquei eu a passagem de 50 praças cegas de um só olho por um com cegueira completa. O meu campo de experiencia foi muito limitado, é certo, para que não reconheça a pouca autoridade desta proporção de 50 para 1, mas, supondo-a exacta, comquanto, segundo todas as apparencias, esteja abaixo da realidade, vê-se logo tudo o que, diminuindo legitimamente a parte dos cegos de um só olho, se poderia fazer

para os atingidos de cegueira completa e sobretudo para os que, além desta fatalidade, tivessem também sido privados dos dois braços. Demais, uma remodelação completa da lei de 1831 é que seria para desejar, mas esta remodelação não teria efeitos retroactivos e muitas expectativas não seriam satisfeitas por uma distribuição equitativa se não se creasse, ao mesmo tempo, um impossível aumento de encargos.

Para os nossos feridos, porém, esta preocupação do futuro só virá mais tarde. Ao principio o choque moral é produzido muito naturalmente pela privação da luz e por isso os medicos são obrigados, na maior parte dos casos, a esconder a verdade ao ferido, fazendo-lhe acreditar que o mal será passageiro, pois que uma franqueza intempestiva poderá provocar suicídios, como já tem sucedido. O soldado cego de que vos abeirais no hospital quasi sempre está convencido que, dentro de alguns mezes, seis o maximo, o menos atingido dos seus olhos estará curado e que então poderá retomar a sua vida ordinaria. Agarrar-se a esta convicção com uma especie de febre, e, se, logo de principio, se lhe propuzer o ensino da leitura dos cegos, a maior parte das vezes repelirá essa proposta com um horror instintivo; tudo o que o aproximar do cego, pela imaginação, tudo o que possa fazer-lhe penetrar no espirito uma suspeita intima, o encontra desconfiado e mal disposto. Pelo menos é o caso mais vulgar, porque, é claro, as reacções individuais são muito variadas. Um cego, homem dos seus 29 anos, que vi ha pouco todo agarrado á fornalha da sua cosinha, assentado numa cadeira muito confortavel, comodamente estofada com almofadas, parece sentir-se bem, pregado ali ha já sete mezes, depois de haver saído do hospital. Não se tomaram precauções para se lhe fazer saber a sua sorte, mas também o diagnostico do oculista parece ter caído sobre uma massa inerte, privada de toda e qualquer sensibilidade. Depois do seu regresso, o cura da aldeia repete-lhe muitas vezes que os cegos lêem e escrevem de uma certa maneira e que aprendem officios; mas ele custa-lhe a acredita-lo e não mostra por esse motivo o mais pequeno interesse. Desde pela manhã até á noite fuma no seu cachimbo, pedindo que não lhe falem em trabalho; finalmente encontra-se em via de se imbecilisar, enterrando-se num indolente torpor. Este outro que tem, ao contrario, a consciencia nitida da sua situação, não acreditou as bem intencionadas mentiras com que

o medico procurou iludi-lo, continuando, contudo, a falar de tempos a tempos, na sua cura, para dar coragem áqueles que o rodeiam e para se eximir a explicações penosas; desde o principio procurou encontrar nas suas convicções religiosas uma serenidade, de que só a natureza humana é capaz. Entre estes dois pontos extremos, embrutecimento e resignação filosofica ou religiosa, segundo o grau de lucidês de consciencia e de energia moral de cada um, todos os estados intermediarios se encontram, passando pelo desespero. Será necessario proceder cautelosamente, emquanto se ignorar de que metal é feita a alma, á qual se pretende levar o conforto.

Transcrevo aqui algumas notas de visitantes, que a Associação Valentin Haüy destinou aos soldados cegos e que teem judiciosamente analisado os processos, que, por instinto põem em pratica á sua cabeceira.

«1.º — Evitamos sempre, com qualquer pessoa privada da vista, empregar o nome, o qualificativo cego, servindo-nos de perifrases: «que não vê, que está doente dos olhos.» Isto parece-nos menos brutal, menos directamente evocador de todas as provações inherentes á cegueira... Quando o proprio interessado, já mais familiarizado, não se aflige com essa palavra e é o primeiro a pronuncia-la, então o caso é diferente. Porque tambem nos parece que, se em volta desses pobres entes sofredores, é necessario muito tacto e corações maternos e amigos, igualmente se torna indispensavel uma certa energia para lhes estimular a coragem, mostrando-lhes que os consideramos valentes e cheios de força de animo.

2.º — Sempre que nos seja possivel e que a sua saude o permita, deveremos proporcionar passeios a estes infelizes privados da vista, ainda ontem independentes, vigorosos e com todos os seus movimentos livres, mostrando-lhes que não são obrigados a viver sedentariamente, como se fossem velhos; conduzi-los-emos com firmeza para que adquiram confiança em si e fa-los-emos andar com passo seguro, para que retomem, tanto quanto possivel, a vida normal. O exercicio para eles, quando é possivel, é talvez a melhor distração, porque beneficia o fisico e o moral ao mesmo tempo.

3.º — Será conveniente proceder a uma leitura apropriada junto deles. Nos domingos, belos artigos do *Echo de Paris*, escolhidos entre os mais elevados, mais electrizantes e mais no-

bres, eram lidos durante algumas horas no pátio do hospital, variando e sublinhando, disfarçadamente, tudo o que pudesse engrandecer o ferido perante si mesmo.

4.º — Quanto á maneira de lhe fazer saber o grau da sua infelicidade, isso depende da natureza do ferido, a qual é conveniente observar. P... desde o primeiro dia que sabia achar-se cego e logo que nos convencemos que ele não acreditava na esperança que procuravamos incutir com a frase fatídica: «Esperando que recupereis a vista»... com que hesitação, com que comoção iniciámos o ensino pelo sistema de Braille! Logo, porém, que compreendeu o manejo do punção e o engenho do método, disse-nos com a maior simplicidade: «Agora já tenho em que passar o tempo; nunca mais me aborrecerei». E, á força de lhe falar dos outros feridos, daqueles, por exemplo, que perderam os dois braços, mostrou até considerar-se mais feliz do que eles... Para V... fez-se o contrario; entre aqueles que o rodeavam, ninguém quiz tomar a responsabilidade de o informar do seu grande infortunio, seguindo-se este sistema durante mezes. O método de Braille foi-lhe apresentado como uma distracção passageira, mas, ao fim das dez primeiras letras, o nosso pobre discípulo não quiz ir mais longe, não por desânimo, mas por julgar que, mais tarde lhe seria inútil este estudo... Entre as três ou quatro profissões que conta desempenhar, sem aprendizagem regular, quando tiver tornado a readquirir a independência, que aprecia mais que tudo, tenciona por-se á testa de uma fabrica de tecidos para gaze de pensos. Nós procuraremos ficar em relações com a sua familia para o caso em que ele, desiludido, quizesse tentar outra coisa e tivesse necessidade de auxilio. Neste momento é um obstinado e, graças a Deus, sofre com sua cegueira bem menos do que os outros.

5.º — Um ponto ao qual, segundo nos parece, é necessario voltar e nele insistir com a maxima delicadeza é que os cegos não devem ser considerados de maneira alguma, como doentes, pois que o são incomparavelmente menos do que os feridos, os quais poderão voltar da guerra com doenças organicas e eles podem viver felizes como toda a gente e casar-se... Ainda uma circumstancia que quasi sempre se observa: quando queremos fazer-lhes conhecer um objecto, colocamo-lo exactamente nas suas mãos dizendo-lhe: «Vêde» e não «apalpai»,

sendo para notar que os cegos empregam eles proprios a palavra «vêr». Emfim, em tudo e por todos os meios, restitui-los á vida normal é não só evitar descrições que tenham de completar-se com gestos que eles não podem avaliar, como por exemplo: «Era grande como isto», mas, para que eles formem uma idea exacta daquilo de que se lhe fala, formular-lhe as frases desta maneira: E' da altura de uma mesa, largo como as duas mãos.» Isto poderá parecer pueril, mas se nos puzermos no seu lugar, julgaremos decerto os factos de uma maneira diferente e desejaremos por todo o preço que eles não sintam aquella sua grande desventura em toda a extensão! E tambem deveremos afastar deles a simpatia banal dos imbecis, que imaginam surdos aqueles que não vêem e que se dirigem ás pessoas que conduzem o cego, como se ele proprio não pudesse responder-lhes.

Não se deve esperar que o cego se tenha convencido de que a sua desgraça é sem remedio, para se lhe falar da leitura pelo metodo de Braille, sobretudo do guiador de Wagner, o aparelho mais facilmente aceite e que permite ao cego continuar a fazer a sua correspondencia com o lapis ou com o stilografo. Depois de uma certa repugnancia, consegue-se fazer aceitar todos estes metodos de trabalho, seja por curiosidade, seja a titulo de distracção provisoria. Dado o primeiro passo e esse é o que mais custa, o resto torna-se mais facil dando-se-lhe o atractivo de um jogo. Ao mesmo tempo será necessario habitar o infeliz, ainda ha pouco privado da vista, a tirar partido dos recursos que lhe restam. Com as naturezas indolentes é esta uma parte arida do programa: o preceito geral é ajudar o cego nos seus trabalhos e não fazer-lh'os nós proprios; quando precisar um objecto qualquer que esteja no quarto, não lh'o iremos buscar, mas dar-lhe-hemos todas as indicações, que lhe permitam ir procural-o, e assim conseguirá, ao mesmo tempo, orientar-se no quarto e tornar mais seguros os seus movimentos. Devemos lançar mão de todas as formas de actividade manual que servem para educar o tacto, desviando ao mesmo tempo, a atenção do cego dos seus pensamentos negros e tristes; convidal-o a jogar o dominó, as cartas, as damas e animar os seus companheiros das camas visinhas a distraírem-se com ele em igual passatempo. Muito judiciosamente se tem recomendado se procure conseguir que ele proprio enrole os

seus cigarros, excelente exercicio para tornar os dedos flexiveis. Deverá vestir-se, com presteza, completamente só e ocupar-se sem auxilio, de todos os cuidados que exige a sua toilette; passeiar sem guia, na sua casa e no seu jardim e tornar-se util por mil pequenos serviços; cortar o pão, á meza, partir a lancha, deitar o vinho em garrafas, fazer as camas etc. Sobretudo nada de contrafazer a sua vida habitnal; não lhe coloqueis os objectos á mão para lhe dar a ilusão de os haver encontrado, porque, não sómente o impedireis assim de se eximir a essa dependencia, que, no fim de contas, constitue o grande desgosto do cego, mas tambem ele terá logo descoberto o vosso jogo, o que alimentará a pouca confiança que tiver em si proprio por essa confissão da sua incapacidade que ele imaginará ter-vos arrancado e a sua pouca confiança para com aqueles que o rodeiam, tão penosa para os que se vêem á mercê doutrem; dessa maneira submetel-o-heis á humilhação de ser tractado como uma criança, ou como um incapaz. Pelo contrario, deveremos procurar, sem ostentação, ocupal-o e pedir-lhe serviços para lhe dar a impressão de que ele ainda tem prestimo para qualquer coisa. Mas nada será tão eficaz como o emprego para tal fim de um cego inteligente e habil que persuada, falando de outros assuntos. Contra esse prejuizo que tem a sua origem na sensibilidade, a logica dos seus argumentos pouco póde; é á imaginação do doente que é preciso falar, cercando-o de um jogo de exibições favoraveis. Mesmo se o primeiro contacto fôr desanimador, os resultados beneficos não tardarão muito, em geral, a manifestar-se.

Esta readaptação á vida usual prepara progressivamente para a reeducação profissional; desde o principio que nós a sustentamos pelo trabalho, pela actividade dos cegos, afim de tornar menos, atroz e afflictiva a ideia de cegueira, á qual será necessario habituar, a pouco e pouco, o pensamento. A conversação sobre este assunto não terá probabilidade de obter resultados praticos, senão no dia em que o doente tiver confessado a si proprio que corre, pelo menos, algum risco de ficar cego.

As perspectivas, que nós poderemos então apresentar-lhe, não serão, realmente, muito tentadoras e não devemos exageral-as para lhe evitar decepções. Aos 30 anos ou mesmo aos 20 é já muito tarde para empreender o estudo da

musica, que demanda um ouvido novo e longos anos de vida escolar, muito tarde, mesmo, as mais das vezes, para aprender a afinação dos pianos. E' preciso contentar-se com uma aprendizagem relativamente curta, e imediata; ou o fabrico de escovas, ou o empalhamento das cadeiras, ou a fabricação das vassouras e das escovas de tapetes é que constituirão o quinhão do maior numero, profissões estas todas de salarios baixos (1 fr. e 50 a 3 fr, o maximo, por dia, quando a mercadoria sae sem dificuldade). Estes officios são, com efeito faceis, empregando um grande numero de homens, e o operatio cego trabalha muito mais vagarosamente do que o seu concorrente com vista, sobretudo quando a cegueira o tiver surpreendido na idade adulta. Espero que a colchoaria e a sapataria tambem se tornem, em França, profissões para cegos. Ambas teem dado excelentes resultados no estrangeiro, a sapataria na Dinamarca e a colchoaria na Escocia e na Inglaterra.

A sua adaptação apresenta algumas dificuldades de que será necessario triunfar; o concerto do calçado—eu não fallo da sua fabricação, que a concorrência das oficinas torna insufficientemente remuneradora—tem o defeito de exigir, como o officio de cesteiro, uma habilidade sofrivel e uma longa aprendizagem; enquanto á colchoaria ela supõe, para ser exercida, com bom exito, por cegos, a criação ás portas das cidades de oficinas, em que a reparação dos colchões se fará em grandes quantidades. O colchoeiro cego não póde com efeito sem o auxilio de uma pessoa com vista, transportar-se, segundo o nosso costume, para os logares que lhe são desconhecidos, para trabalhar nos domicilios. Pelo menos estamos no direito de esperar que, aqueles que exerciam essas profissões antes da guerra, poderão conservar-se nelas com proveito.

Aconselha-se aos agricultores, que, na maior parte dos casos, procurem fazer o mesmo. Eles serão postos em relação com cegos, que, rodeados de varias ajudas, naturalmente, encontram meio de se tornarem uteis nos trabalhos do campo e que lhe transmitirão o fructo da sua experiencia.

Os resultados obtidos pelos cegos em certos ramos destes trabalhos, especialmente na criação das aves domesticas e na apicultura, teem sido suficientes para que as escolas americanas e inglêsas inscrevam o ensino agricola nos seus programas. Acabo de visitar um soldado cego, que, sem ser aconselhado

por pessoa alguma para o encaminhar, retomou o seu lugar numa grande quinta, onde ele havia sido creado durante dez anos. E' certo que, agora com as duas orbitas vasias, muitas das suas antigas occupações se lhe tornam inacessiveis, com-tudo ele emprega-se em mungir as vacas, acompanhado de um outro serviçal com as mesmas funções; tem completamente a seu cargo a desnatadeira, isto é, o seu funcionamento e limpeza; trata dos cavalos e ocupa-se dos coelhos, dos pombos e dos frangos. Como, além disso, presta outros serviços em casa, acendendo os lumes, enxugando a louça, fazendo as camas, etc., os seus patrões asseguraram-me que ele não passa ocioso um unico momento do dia. Com tudo, é claro, que um cego não póde normalmente ganhar a sua vida no campo, como jornaleiro ou como creado, para isso será necessario que ele esteja em familia e seguro de ajudas benevolas.

Os que possuirem melhores dotes terão probabilidades de encontrar uma actividade mais remuneradora no commercio, na massagem, ou na dactylo-stenografia. Não ha duvida que um cego não poderia só por si estar á testa de uma casa commercial; mas se ele tiver quem o ajude, a sua actividade poderá ser inteiramente proveitosa, e por pouco que as caixas de emprestimo, generosamente providas, lhe facilitem o acesso, é possivel que daqui a alguns anos, um grande numero dos nossos pequenos estabelecimentos de capelista e de especiarías, de preferencia nas aldeias, tenham a dirigil-os cegos da guerra casados, ou vivendo com sua mãe ou com sua irmã. Esta actividade acumular-se-hia muito bem com o exercicio de um dos officios precedentemente indicados, os quaes, á excepção do fabrico de tapetes-escovas e da colchoaria permitem o trabalho em casa.

O dr. Fabre demonstrou á evidencia, exemplificando consigo mesmo e com os seus discipulos, tudo quanto os cegos poderão esperar em França da massagem, para a qual um grande numero de militares feridos pela cegueira apresentarão de certo um conjuncto de qualidades que não é muito vulgar encontrarem-se reunidas e que são necessarias para o seu exercicio; cultura sufficiente, tacto suave, saude robusta, maneiras delicadas, físico nada desfigurado e conversação agradável. Todas estas condições devem ser exigidas ao candidato, se se quizer que, em proveito de todos, o corpo de massagistas ce-

gos mantenha a excelente reputação que estava prestes a adquirir no corpo medico e para com a clientela. O exito dependerá da bôa escolha que se fizer. Emquanto á profissão de dactylo-stenografia, já exercida por um cego, oferece o interesse de poder tentar especlalmente os nossos officiais. Os resultados que daqui se esperam dependem da realisação de uma maquina, cuja construção a guerra, infelizmente, interrompeu na ocasião em que a sua necessidade se fazia sentir mais urgentemente. Nada impedirá que, quando estiver nos casos não só de acompanhar a velocidade da palavra, o que já se consegue com o *stenofilo Bivort* para uso dos videntes, mas também reter o que tiver escrito nestas condições, um cego possa recolher conferencias, sermões, téses, assim como ter a seu cargo a correspondencia nas administrações e nas grandes casas comerciais, correspondencia que ditada por qualquer pessoa ele registará pela stonografia para depois a transportar para a dactylografia.

Entre os candidatos é necessario uma escolha rigorosa. Este cuidado e esta competencia que exige a orientação racional dos que mais tarde forem feridos pela cegueira, nos caminhos que se lhes abrem, incitam-nos a congratularmo-nos pela contralisação relativa dos serviços que tem assumido a tarefa da sua readaptação.

Actualmente tres organismos principais se tornaram notaveis.

O ministerio do interior apropriou um anexo dos *Quinze Vingts, rue de Reuilly*, no qual presentemente são internados e reeducados cento e quarenta soldados cegos, que recebem lições de mestres, a maior parte também privados da vista, tendo o prazer de verificar que alguns pertencem á Instituição nacional dos mancebos cegos, o que lhes assegura uma grande auctoridade em consequencia da sua experiencia. E' digna do maior louvor a iniciativa tomada por M. Brisac director da Assistencia e da Higiéne no ministerio do interior. Era conveniente que, desde o principio, os poderes publicos manifestassem a sua boa vontade de vir em auxilio de um grupo dos nossos feridos, que a guerra tão cruelmente experimentára, e abrigo algum estava mais indicado para eles, do que o aludido estabelecimento dos *Quinze-Vingts*, que evoca perante o nosso espirito a ideia de sete seculos de bondade francesa e que,

apressando o seu andamento para colocar a sua benemerência par do nosso século, se transformou de casa hospitaleira em oficina de aprendizagem.

Portanto a tarefa é muito pesada para que desde já o mais largo concurso das obras particulares possa ser dispensado. Fala-se em estabelecer duzentas e cincoenta a trezentas camas em Reuilly; será absolutamente necessario de duas coisas uma; ou que uma pequena parte de soldados cegos aí sejam admitidos, ou que cada um deles lá permaneça um espaço de tempo insufficiente para a sua reeducação. A Associação Valentin Haüy, que, fundada por um cego ha vinte e seis annos, tem socorrido já mais de dez mil infelizes privados da vista, pôz immediatamente mãos á obra com um ardor patriotico digno dos maiores elogios. Faz visitar os soldados cegos pelos correspondentes e amigos que tem em toda a parte, os quaes se encarregam de os reconfortar e de lhes trazer o alfabeto Braille e todos os metodos especiais de que dispõe; põe á sua disposição o tesouro constituido pelos quarenta mil volumes que compõem a sua biblioteca de caracteres em relevo; graças a generosas doações, promove, á sua custa, o ensino em Paris e na provincia. A competencia especial do seu numeroso pessoal garante-nos que a sua tarefa será desempenhada da maneira mais favoravel aos interesses dos seus pupilos.

Em fim a Sociedade dos Amigos dos soldados cegos foi fundada ha alguns mezes sob a presidencia de M. Vallery — Rodot, com o fim de completar a obra dos *Quinze — Vingt*s e da Associação Valentin Haüy. A presença na sua direcção, na qualidade de secretario, do director da casa de Reuilly, manifesta bem a estreita colaboração das duas instituições. A Sociedade defeniou-se a si propria; «uma grande obra auxiliar» destinada a ocupar-se de casos especiais, da parte individual da assistencia, aquella que põe essencialmente em relevo as obras particulares, tornando a colocar o cego no seu meio e seguindo-o até sua casa. O seu fim, identico, certamente, ao da Associação Valentin Haüy, mas especializado só aos cegos da guerra, é de «facilitar aos seus protegidos a aprendizagem e o exercicio de um officio, e mesmo a fundação de um lar». Longe de nós a ideia de lhe censurarmos este duplo fim. Comtante que as instituições que trabalham para obter os mesmos resultados tenham o cuidado de se rodeiarem das competencias

necessárias para conseguir bom exito numa tarefa tão dedicada, e procurem coordenar estreitamente os seus esforços, não seria de mais que houvesse muitos centros de acção e muitos meios de atrair o capital.

Além destes tres organismos, algumas iniciativas particulares seriam dignas de todo o aplauso. Em nome de amigos generosos que a França conta nos Estados Unidos, o *Comité franco-americano para os cegos da guerra*, presidido por uma bemfeitora muito conhecida dos cegos de New-York, propõe-se vir em auxilio de uma classe particularmente interessante dos nossos officiaes e soldados feridos pela cegueira; aqueles que, em rasão da sua cultura intellectual, devem procurar, para a sua actividade uma occupação diferente da dos officios manuaes. Em Lyon-Villeurbanne fundou-se uma officina de aprendizagem por iniciativa do maire Herriot. Tudo o que existe relativamente a instituições de cegos está inteiramente disposto a colaborar na empresa comum, com a mais completa dedicação. Os cegos de França, além do seu grande infortunio pela perda da vista, sofreram uma nova e suprema angustia, vendo, sem os poderem acompanhar, todos os seus compatriotas da mesma idade partir para a fronteira, onde a sua incapacidade os impediria de defender a patria e a civilisação, ás quais eles devem bastante mais do que os outros. A unica consolação que encontram para tão grande dôr, é a de estender os braços aos desgraçados que perderam os seus olhos para os proteger, facilitando-lhes a tarefa, tão difficil, de recommençar uma existencia completamente nova, numa idade em que a vida já marcou o seu primeiro vinco. Os recémvindos, isto é os cegos da guerra, serão os privilegiados na grande familia, que os acolhe com amor e gratidão e poderão dizer que se tiveram a dolorosissima infelicidade de perder os seus olhos, essa grande dôr é bastante suavizada pela ideia de que foi produzida na defeza voluntaria de uma grande causa.

P. VILLEY

(Da Revue des deux mondes—1.º de outubro de 1915).

Tradução de F. DE MAGALHÃES

A cavalaria suissa

Da conceituada *Revista de cavalaria*, italiana, extraímos, com a devida venia, o presente artigo. Atenta a nossa actual organização militar escusado será encarecer a importancia dum tal trabalho, e a vantagem, para quem não tenha facilidade em poder manusear aquele periodico, reputado como um dos melhores jornais militares da especialidade, em o encontrar traduzido nas paginas desta Revista.

*

*

*

A *cavalaria suissa* é constituída por esquadrões de dragões e de guias, que se recrutam, como a infantaria, territorialmente por cantões, e distritos de recrutamento.

Os *esquadrões de dragões* agrupam-se em 8 regimentos cada um dos quais a 3 esquadrões; por sua vez os regimentos reúnem-se dois a dois formando 4 brigadas de cavalaria de exercito, sob a dependencia immediata do comando em chefe.

Os *esquadrões de guias* reúnem-se em grupos de 2 esquadrões, constituindo a cavalaria divisionaria, e fornecem os cavaleiros destacados, como ordenanças, junto aos estados maiores dos regimentos de infantaria, infantaria de montanha, brigadas de infantaria e brigada de infantaria de montanha.

Além dos dragões e guias ainda no exercito suíço se conta como tropas de cavalaria com as *companhias de metralhadoras de cavalaria*.

No total está prevista a formação das seguintes unidades de dragões e guias:

54 esquadrões de dragões: 30 para elite e 24 para a *landwehr*.

42 esquadrões de guias: 30 para a elite e 12 para a landrochr.

A *ordem de batalha* do exercito suíço é formada por 6 divisões, não contando, é claro, com numerosas tropas de landwehr e landsturm, e com as guarnições do S. Gotardo e S. Mauricio. Segundo as circunstancias, as divisões podem-se agrupar formando 3 corpos de exercito.

Na ordem de batalha, entre as tropas não indvisionadas, figura em primeiro lugar as 4 brigadas de cavalaria, cada uma das quais se compõe de 2 regimentos de dragões e de 1 companhia de metralhadoras de cavalaria; não entrando na composição 4 das brigadas artilharia a cavalo porque esta especialidade não existe no exercito suíço; mas nas tropas não indvisionadas figuram tambem grupos de baterias de campanha alguns dos quais certamente serão adjuntos ás brigadas de cavalaria; pela mesma fórma, embora das brigadas não façam parte ciclistas poderá ser que, em caso de necessidade, algumas companhias sejam adstrictas temporariamente aquelas unidades.

Devemos notar que dos 30 esquadrões de dragões de elite previstos, apenas 24 estão embrigadados sendo provavel que os 6 restantes sejam grupados por 2 e destinados aos 3 corpos de exercito. E sendo assim, a cavalaria suíça, constituirá em campanha, a cavalaria de exercito com as 4 brigadas, a cavalaria de corpo de exercito com os grupos de 2 esquadrões a que nos acabamos de referir e a cavalaria divisionaria, com os grupos de esquadrões de guias.

Quer esquadrões de dragões quer os de guias fracionam-se em 3 pelotões cada um dos quais se divide em 4 esquadras. Os esquadrões de dragões são constituídos por:

Capitão comandante	1
Officiais subalternos	4
Sargentos	6
Cabos	10
Soldados (entre os quais 2 ou 3 ferradores)	
117 ou	118

No trem do esquadrão figuram 3 viaturas, cada uma a 4 cavalos, entre as quais um forja e cosinha.

Os esquadrões de guias são um pouco mais fortes, compreendendo, cada um deles, 8 oficiais, 146 ou 147 praças, das quais 22 sargentos e cabos, e 150-151 cavalos de sela e 3 viaturas com 12 cavalos de tiro.

Nos esquadrões de guias ou de dragões os oficiais que não comandam pelotões (1 por esquadrão de dragões e 4 por esquadrão de guias) são destinados a comandar patrulhas.

Os esquadrões da *landwehr* não são montados, não têm pessoal de serviço de saúde nem de trem nem tão pouco viaturas, no entanto os oficiais destes esquadrões tem direito a 1 cavalo de sela.

As *companhias de metralhadoras*, que datam de 1899, têm 8 metralhadoras (4 pelotões de 2 metralhadoras). As praças são todas montadas e as munições são transportadas em cavalos de mão que podem deslocar-se acompanhando a sua unidade em qualquer andamento podendo mesmo transpor obstáculos. Em cada companhia, um certo numero de cavaleiros são destinados ao serviço de segurança. O efectivo da companhia é de 7 oficiais, 22 sargentos e cabos, 116 soldados, 135 cavalos de sela, 24 cavalos de tiro, 7 viaturas das quais 4 carros de munições.

As brigadas de cavalaria são comandadas por tenentes-coroneis e os regimentos em geral por maiores.

*

*

*

Recrutamento e Instrução — Tropa e Officiais.—O cidadão suíço é obrigado ao serviço militar desde o principio do ano em que completa 20 anos até ao fim daquele em que atinge os 48 anos ou 52 se é official.

O serviço, pessoal e obrigatorio, compreende:

Serviço de instrução;

Serviço activo;

Conservação e inspecção do vestuario armamento e equipamento;

Exercicio de tiro fóra do serviço;

Obediencia ás prescripções sobre a conducta durante o serviço e fóra dele;

Obrigaçāo de aceitar um posto e de cumprir o serviço que

este posto lhe imponha e encarregar-se do comando quando para isso nomeado.

Todo o suíço, quer resida na Suíça ou no estrangeiro, que por qualquer razão tenha sido dispensado de prestar o serviço militar paga uma taxa que compreende uma parte fixa de 6 francos e de uma outra, suplementar, no valor de 1^{re},30 por cada 1.600 francos de renda, taxa que não póde exceder 2.000 francos. Esta taxa militar, cobrada pelos cantões e da qual metade é por estes entregue á Confederação, é paga anualmente até ao fim do ano em que o cidadão completa 40 anos de idade.

O *recrutamento* efectua-se por intermedio de órgãos da Confederação e com o concurso das autoridades cantonais. Os homens são recrutados no ano em que completam os 19 anos; os inscritos não só são submetidos a uma inspecção medica, para se saber se estão em condições de prestar o serviço militar, como ainda a um exame pedagogico, para definir o seu gráo de instrução e um outro de aptidão fisica.

Os cantões convidam os mancebos que desejem servir na cavalaria a fazerem a respectiva declaração ao comandante do seu distrito até ao fim de julho. Os cantões omitem da lista, que se organiza, os recrutas que não estejam em condições de servir na cavalaria e enviam-na depois ao *comandante da cavalaria* o qual depois de a aprovar, a remete por seu turno, aos officiaes de recrutamento.

As condições, principais, a que os recrutas devem satisfazer para poderem ser destinados á cavalaria, são:

Para os dragões e guias: altura, 158 cent., sendo especialmente qualificados os homens a partir de 156 cent. Agudeza visual minima $\frac{2}{3}$.

Para metralhadoras: altura minima, 158 cent. Agudeza visual, 1.

Todos devem ser homens vivos, bem formados e elegantes, mas não muito pesados e que provem estar em condições de poder manter um cavalo.

O exame pedagogico, que deve estabelecer o estado de instrução do recruta, abrange as seguintes materias: leitura, escrita, contas e conhecimentos civicos. A cada uma destas materias são attribuidos valores que podem variar de 1, o melhor, até 5, o peor. Em consequencia da soma dos pontos obtidos

os recrutas são classificados em 3 classes —: 1.^a classe os que tenham obtido de 4 a 6; 2.^a classe os que obtiverem de 7 a 11 sendo classificados na 3.^a classe todos os que tenham obtido 12 ou mais valores.

O exame de aptidão física, adoptado em 1906, compreende; salto em largura com corrida e á vontade, lançamento dum peso de 17 quilogramas com as duas mãos, e uma corrida de velocidade de 80^m.

Julgamos oportuno recordar que a instrução militar preparatoria na Suíça, compreende:

O ensino da ginastica, que é obrigatorio em todas as escolas e em todos os institutos publicos ou particulares;

Cursos voluntarios sem arma: ensino preparatorio da ginastica;

Curso voluntario com arma: instrução preparatoria com arma;

Curso voluntario de tiro: curso de jovens atiradores.

Esta ultima instrução é ministrada dos 16 aos 18 anos e dada, tendo como base o regulamento de manobras e de instrução de tiro, por officiais e graduados.

Aos recrutas chamados a participar na Escola de recrutas é fornecido gratuitamente:

O fardamento, constituido por um kepi, um barrete, 2 dolmans um dos quais para exercicios, 2 pares de calças, um capote e umas esporas;

Os artigos de roupa branca que o soldado deve ter; um par de botas altas e um par de sapatos.

O armamento é constituido pelo:

O sabre de cavalaria m/96/902, com bainha de aço, de lamina ligeiramente curva e de comprimento de 810^{mm}.

Carabina de repetição m/905 de calibre 75^{mm} cujo comprimento de cano é de 330^{mm} sendo o peso da arma 3,650 kg. e a velocidade inicial 375^m.

Todos os artigos que formam o armamento e equipamento individual são propriedade da Confederação; mas as praças ao terminar o serviço ficam com eles em seu poder, na obrigação porem de o conservar em bom estado e de só fazer uso dele em serviço.

Ao recruta é destinado um cavalo com os necessarios artigos de arreio e que conservará em seu poder nas condições que mais tarde veremos.

A instrução militar é ministrada na escola de recruta e nos cursos de repetição da elite, que são anuais, tendo cada um a duração de 11 dias. Os soldados de cavalaria devem tomar parte em 8 cursos de repetição.

O tempo total de instrução na elite, não contando com os dias de chamada e de licenceamento distribue-se pela seguinte forma:

Escola de recrutas, 90 dias; 8 cursos de repetição, 88 dias, que prefaz o total de 178 dias de instrução na elite.

*

* *

Os graduados do esquadrão, todos compreendidos na classe de sub-oficiais, são os seguintes:

1 sargento-mór—Coadjuva o comandante do esquadrão, sendo especialmente encarregado de fiscalizar o serviço especial que possa competir aos homens, da transmissão das ordens ao esquadrão e de escalar homens para os serviços especiais que hajam de executar-se.

1 furriel, encarregado da contabilidade e em parte de fiscalizar a alimentação.

4 sargentos—1 por pelotão.

10 cabos.

Nos graduados estão compreendidos ainda 9 soldados *escolhidos (appuntati)* destinados a desempenhar as funções de comandante de posto, de patrulha, etc. Tanto estes como os sub-oficiais são nomeados ou promovidos pelo comandante do esquadrão, quando satisfaçam as necessarias condições.

Por ser promovido a sub-oficial é necessario ter obtido certificado de capacidade em uma *escola de sub-oficiais*, cuja duração na cavalaria é de 35 dias. Os homens são chamados a frequentar estas escolas em virtude de proposta dos seus superiores. Os propostos para furrieis devem seguir uma escola de furrieis cuja duração é de 30 dias. O minimo de dias

de instrução dos sub-officiais acha-se descriminado no seguinte quadro :

	Cabos	Sargentos	Furrieis	Sargento-mór
Escola de récrutas	90	90	90	90 dias
Escola de sub-officiais	35	35	35	35 "
Escola de recruta como cabo	90	90	90	90 "
Curso de repetição como cabo na elite	88	22	11	22 "
Curso de repetição como sargento na elite	—	77	—	11 "
Escola de furrieis	—	—	30	— "
Escola de recrutas servindo como sargento-mór.	—	—	90	90 "
Curso de repetição como furriel ou sargento-mór	—	—	88	66 "
Total de serviço d'instrução na Elite	303	314	434	404 "

Os graus hierarquicos dos officiaes são os seguintes :

Officiaes subalternos : tenente ; primeiro-tenente ; capitão.

Officiaes superiores : major, tenente-coronel, coronel divisionario ; coronel comandante de corpo d'exercito.

Os officiaes recebem a sua instrução inicial, como tais, numa *Escola de Officiaes* para ser chamado á frequencia da qual se torna necessario ser sub-official e ter sido proposto; na escola de recrutas e de sub-officiaes, pelos officiaes da tropa e instrutores; nos cursos de repetição, pelos officiaes da respectiva unidade. O comandante da escola de recrutas e no curso de repetição o comandante da unidade devem pronunciar-se sobre o character e situação do sub official proposto fundamentando-se para isso não só no que pessoalmente sabem como tambem nas informações que colham.

Ao terminar a Escola de officiaes o corpo d'instrutores, reunido sob a presidencia do comandante da Escola, pronuncia-se sobre a idoneidade do alumno. Não são reconhecidos idoneos, para serem promovidos a tenentes, os alumnos que não tenham obtido pelo menos a nota 2 (suficiente).

A lista de qualificação é enviada ao departamento militar para este tomar conhecimento dos certificados de capacidade. Estes depois de submetidos á aprovação do comandante de unidade d'exercito são remetidos aos cantões que promovem os sub-officiais a tenentes.

Os oficiais só pódem ser promovidos ao grau superior depois de 4 anos de permanencia no posto inferior; a promoção a primeiro tenente é feito exclusivamente por antiguidade e a promoção aos outros graus por escolha. Geralmente as promoções a tenente, primeiro tenente e capitão realisam-se no fim de cada ano (31 de dezembro).

A instrução dos oficiais obedece ás seguintes normas:

Os tenentes recentemente promovidos seguem como tais uma escola de recruta;

Os oficiais subalternos para se prepararem ao comando de unidades de tropa frequentam a *Escola Central I* (curso de 30 dias); antes porém, os primeiros tenentes devem seguir, primeiro uma escola de sub-officiais e depois uma escola de recrutas, nas quais tomarão parte como comandantes de unidade.

Os capitães, escolhidos para promoção, frequentam a *Escola Central II* que lhe dá uma cultura militar mais desenvolvida que permitirá concorrer, mais tarde, aos postos superiores.

Para melhorar a instrução dos oficiais de cavalaria, a Assembleia federal instituiu ainda os seguintes cursos:

Curso para comandantes de patrulhas (oficiais subalternos) 11 dias.

Curso tactico para capitães e oficiais superiores, 11 dias.

De tudo isto resulta o seguinte minimo de instrução para os oficiais:

Para oficiais subalternos

Escola de recruta como recruta	90 dias
Escola de sub-official	35 "
Curso de repetição como cabo	11 "
Escola de oficiais	80 "
Escola de recruta como tenente	90 "
Curso de repetição e curso especial	121 "
Total	427 "

Para capitães

Serviço até ao fim da escola de recruta como tenente	306 dias
Escola central I.	30 "
Escola de recruta como comandante de unidade	90 "
17 cursos de repetição e cursos especiais.	187 "
Curso tactico	22 "
Total	635 "

Para suprir, em parte, a brevidade da instrução, estabelece-se como dever do official e do sub-official — o conservar e desenvolver os seus conhecimentos e atitudes militares, mesmo fóra de serviço; para facilitar o alcançar este fim existem na Suissa numerosas sociedades militares, das quais a principal é a *Sociedade dos officiais suissos*, que desenvolvem a sua actividade especialmente nos meses de inverno, organisando conferencias, jogos de guerra, cursos de equitação, de esgrima, etc.; no verão, mas raramente, organisam exercicios tacticos em terreno variado e cursos de equitação.

Os officiais recebem gratuitamente da Confederação o armamento, arreio e equipamento individual; recebendo os officiais de cavalaria uma indemnidade para o seu primeiro uniforme.

O equipamento que a Confederação fornece aos officiais de cavalaria é constituído por

- 1 arreio completo;
- 1 sabre com cinturão e fiador;
- 1 cinturão de campanha e correias supplementares;
- 1 pistola com estojo e accessorios;
- 1 binoculo com estojo;
- 1 apito com bussola;
- 1 mala;
- 1 pasta;
- 1 frasco;
- 1 lanterna com estojo.

Os officiais têm o dever de ter sempre em bom estado os artigos do proprio uniforme e tratarem convenientemente os artigos de equipamento que o Estado lhe forneceu.

Os capitães de cavalaria quando promovidos a oficiais superiores recebem uma segunda indemnidade para uniforme.

O soldo diario das tropas de cavalaria é aproximadamente o seguinte:

	Serviço activo	Serviço d'instr.
Tenente-coronel	E 3\$00	2\$60
Major.	3\$00	2\$40
Capitão.	2\$00	1\$80
Primeiro tenente.	1\$60	1\$40
Tenente.	1\$40	1\$20
Sargento-mór.	\$50	\$50
Furriel	\$40	\$40
Sargento	\$40	\$40
Cabo	\$30	\$30
Appuntati	\$36	\$36
Soldado	\$16	\$16
Recruta	—	\$10

Como nota devemos acrescentar que, no exercito suiso, apenas é considerado como serviço activo o prestado em campanha, ou o resultante da chamada ás fileiras quer para eficazmente manter a neutralidade da nação, caso presente, quer para restabelecer a ordem interna, sufocar tumultos, etc.

Na Suissa a direcção superior da cavalaria compete ao *Chefe do serviço da cavalaria* que tem como atribuições gerais:

O estudo de todas as questões que interessam á arma;

A administração das unidades e dos estados maiores da arma, organisados pela Confederação;

A fiscalisação da instrução;

O emprego dos instrutores da arma;

Os assuntos que digam respeito aos officiaes, compreendendo o certificado de capacidade até ao posto de capitão;

A aquisição, ensino, repartição e fiscalisação dos cavalos de cavalaria;

São-lhe dependentes:

O deposito de remonta,

O corpo d'instrutores de cavalaria.

*

*

*

Remonta da cavalaria, os oficiais, sub-oficiais, e soldados de cavalaria tem a obrigação de manter permanentemente um cavalo de sela, apto para o serviço militar; estes cavalos podem ter sido adquiridos pela Confederação ou fornecidos pelo proprio.

A Confederação adquire os cavalos por intermedio da *Comissão de compra de remonta* constituída normalmente por um presidente e um veterinario mas á qual se póde agregar um official instrutor, com terceiro membro; desta comissão é apenas responsavel pelas compras efectuadas, o presidente, limitando-se a missão do veterinario ao exame do cavalo.

Os cavalos adquiridos ou aceites devem ser cavalos aptos pelo sangue, conformação e andamentos ao serviço de sela; aqueles de côres muito claras, ainda que possuindo qualidades excellentes, não são adquiridos.

Na ocasião da compra os cavalos devem ter pelo menos 3 $\frac{1}{2}$ anos e altura compreendida entre 154 cent. e 160 cent.; uma vez adquiridos são enviados ao *deposito de remonta*, cuja séde é em Berna tendo uma sucursal em Scönbühl; na parte que interessa á cavalaria este deposito tem como funções:

Aclimação e desbaste dos cavalos de remonta;

Receber os cavalos da Confederação distribuidos aos officiais, sub-officiais ou soldados da cavalaria que por qualquer rasão deixem de ser seus detentores;

Venda dos cavalos aos officiais;

Ensino, observação e tratamento dos cavalos de officiais, sub-officiais e sôldados de cavalaria;

Reforma e venda dos cavalos incapazes;

Manutenção dum certo numero de cavalos em deposito ou reserva;

Fornecimento de pessoal para os cursos de remonta;

Instrução dos aspirantes a picadores;

Conservação e armazenagem de material do deposito, fornecendo-o aos cursos de remonta e escolas de cavalaria.

O ensino dos cavalos de remonta é feito nos cursos de remonta, que só aceitam cavalos aclimados e aptos ao trabalho de sela ou tiro pelo trabalho anterior. Antes de serem dados

promptos, todos os cavalos são marcados com ferro em brasa nas tabuas do pescoço, marcando-se na direita o ano de remonta e a cruz federal e na esquerda o numero de ordem.

Depois de ensinados os cavalos destinados aos recrutas são classificados em diferentes categorias de 1.600 francos, 1400; 1.200 e 1000 fr. conforme o preço de avaliação.

A distribuição ou melhor, a venda dos cavalos aos oficiais, aos recrutas, enfim, aos militares que devem prover-se de montada é feito no deposito de remonta e na escola de recruta.

A distribuição dos cavalos aos cavaleiros faz-se por escolha sendo para este efeito uns e outros divididos em grupos segundo a sua corpulencia e altura; os homens só podem remontar dentro do seu grupo.

Ao apresentar-se qualquer cavalo para a escolha indica-se a idade, altura e preço de avaliação do cavalo, e depois dos cavalos apresentados a passo e a trote indica-se a raça, e os defeitos e character do animal.

Os cavalos são fornecidos pelo preço da avaliação, se porém mais dum individuo deseja o mesmo cavalo este é posto em leilão, só se admitindo lanços compreendidos entre 20 e 50 francos; quando a oferecida exceda uma certa verba tira-se a sorte entre os que ofereceram o maior lanço.

Os oficiais de cavalaria podem adquirir um cavalo de séla seja pagando imediatamente o seu custo, seja nas condições dos soldados que tem a obrigação de pagar imediatamente metade do preço de avaliação, quantia esta de que são reembolsados pela Confederação em anuidades eguais a um decimo do respectivo preço.

Os recrutas tem a faculdade de poderem apresentar um cavalo e caso este seja aceite, receberão da Confederação, imediatamente, uma quantia egual a metade do preço da avaliação, sendo-lhe a outra metade paga em anuidades eguais a um decimo da avaliação.

Os cavalos são propriedade do estado, passando porém á propriedade dos individuos depois de 10 anos de serviço realizado na *elite*. Durante o tempo de serviço militar, os cavalos na posse dos individuos devem ser apresentados para todo o serviço a que o homem seja chamado. Fóra do serviço os cavalos são alimentados pelos seus possuidores que os podem

empregar em qualquer serviço que não comprometa as suas qualidades militares; os cavalos devem estar alojados em cavalariças espaçosas, arejadas e claras, sendo expressamente proibido alugar-os, engatal-os a viaturas de posta ou publicas e empregar-os em carregar a dorso. Os contraventores destas disposições são punidos com uma multa de 100 fr. ou disciplinarmente.

Quando os cavalos sejam utilizados em serviços improprios ou quando quem os possua não esteja em condições de os poder continuar a manter são estes individuos transferidos para as armas apeadas e é-lhe tirado o cavalo.

A fiscalisação e vigilância dos cavalos de cavalaria, quer estejam distribuidos a officiais a sargentos, cabos ou soldados, compete aos comandantes de esquadrão que, em inspecções periodicas, verificam como os animais estão alojados, são alimentados bem como a fórma porque são utilizados.

Como complemento de todas as disposições tendentes a facilitar a remonta e aquisição de cavalos pelos militares bem como a desenvolver-lhe o necessario gosto pelo hipismo; existe, na Suissa, um estabelecimento official cuja missão durante a paz é

- Compra de cavalos de remonta, sua aclimação e ensino para remonta dos officiais em caso de guerra;

- Aluguer de cavalos militares aos officiais, ás escolas e aos cursos;

- Venda aos officiais, de cavalos ensinados;

- Ensino e manutenção dos cavalos de serviço dos officiais;

- Desenvolver o gosto pela equitação, organisando cursos de remonta e de equitação e fornecer cavalos aos cursos militares de equitação;

- Adestramento de picadores, de condutores e de tratadores;

- Administração do deposito de cavalos d'artilharia da Confederação;

- Direcção central do fornecimento de cavalos ás escolas e cursos militares.

Tal é nas suas linhas gerais a organização da cavalaria no exercito suiso, verdadeiro exercito de milicias, que a nossa organização militar actual tanto pretendeu copiar.

Para definir o seu valor, traduziremos egualmente a opinião manifestada pelo auctor do trabalho que traduzimos.

“Com as nossas ideias, com aquelas dos oficiais dos exercitos permanentes, é difficil conceber como se possa formar uma cavalaria eficiente e merecedora de tal nome com cavalos ensinados num curso de 110 dias, com uma instrução de recrutas durando 90 dias, com oito chamadas ás fileiras de 11 dias, para participação nos cursos de repetição durante os 10 anos que dura o serviço da *Elite*, ou seja sem um dia de serviço activo, a menos circunstancias extraordinarias.

Mas o cidadão suíço tem permanentemente consigo o fardamento, o equipamento individual e o cavallo. Estas circunstancias, além de tornarem possível uma rapida mobilisação, deve diariamente e por dez annos consecutivos recordar-lhe e fazer-lhe sentir que elle é soldado de cavalaria. Ora isto não é pouco e é necessario tel-o em consideração.”

“De resto, a Confederação suíça — como se vê facilmente — reconhece nitidamente a difficuldade que tem a vencer para organizar uma cavalaria com a qual possa contar. E prova-o, claramente, os cuidados dispensados á arma, em tudo que diz respeito aos seus factores fundamentais; officiaes, cavalos, tropa”.

Trad. por J. S.

Projectores e seu emprego

Não obstante já se ter feito uso de projectores por ocasião do cêrco de Paris de 1870-71, o seu emprego só começou a afirmar-se seriamente a partir do momento em que as operações noturnas atingiram maior importancia.

A principio, bastava apenas dotar as praças fortes com um certo numero de projectores moveis, além dos aparelhos fixos assentes definitivamente nas obras.

A guerra russo-japonêsa e sobretudo o cêrco de Porto-Arthur, vieram modificar profundamente as ideias até então existentes, pondo em evidencia toda a parte tomada pela luta a curta distancia, que se tinha considerado quasi impossivel, em razão do aperfeiçoamento das armas.

Viram-se reaparecer no extremo Oriente, meios d'acção considerados como antiquados. A iluminação do terreno proximo, passou a ser de importancia capital, não só na guerra de sitio, mas ainda na de campanha: é na Mandchuria que se vê pela primeira vez empregar projectores no decorrer das operações tacticas.

De então para cá, os tecnicos trataram de aperfeiçoar os projectores luminosos, procurando determinar as verdadeiras indicações do seu emprego.

Os projectores moveis que actualmente se utilisam, abrangem três tipos: *pezado*, cujo espelho tem 90^{cm} de diametro; *ligeiro*, com espelho de 60^{cm} de diametro e *portatil*, com espelho de 25^{cm}.

Os dois primeiros tipos são transportados em viaturas que, tais como as peças de artilharia, se compõem de armão e carreta. No primeiro, vai a maquina produtora de luz elétrica, ao passo que a segunda conduz o projector propriamente dito, fixado no extremo de um mastro, constituido por tubos deslizando uns dentro dos outros, permitindo por elevado a alturas

variáveis, e podendo conservar-se deitado sobre a viatura durante o transporte.

Os aparelhos portateis são reunidos em série sobre uma mesma viatura, e emprega-se geralmente para eles a acetilene como origem de luz.

Reconheceu-se que para os projectores de campanha era preferível a tracção animal á automovel.

O projector ligeiro de campanha deve, de facto, poder deslocar-se em todos os terrenos, da mesma forma que as peças de artilharia.

Gom um tiro de 6 cavalos, pode-se conseguir este *desideratum*, ao passo que, na época presente pelo menos, a tracção automovel deixa ainda um tanto a desejar; basta um simples *panne* de motor, para causar um serio obstaculo ao emprego das viaturas farois, que só raras vezes podem marchar por fóra das estradas e caminhos.

Outro tanto não sucederá talvez, na guerra de sitio, e principalmente da banda da defesa, em que ha mais facilidade na escolha de caminhos a tomar, mas, os caprichos do motor constituirão sempre um inconveniente.

Posto isto, como convirá empregar os motores?

Pelo que respeita á guerra de sitio, é bom desde já notar que, em vista das grandes distancias, não bastará um projector, qualquer que seja a sua potencia, para determinar os logares onde se constroem baterias durante a noite.

As ondulações do terreno, opõem-se a uma iluminação afastada. Não é, pois, necessario procurar utilizar projectores a uma distancia superior a 3^{kl.} que é, em média, aquela em que a infantaria começa, na guerra de sitio, a tomar as suas disposições para executar os seus movimentos no sector atacado. Será ainda preciso para descobrir o inimigo a esta distancia, que os officiais observadores se possam colocar bastante longe e na frente.

O alcance de 3^{kl.} é precisamente o do projector pesado, com espelho de 90^{cm.} Mas, calcula-se que, praticamente, se deverá limitar a 2^{kl.} o campo d'acção destes aparelhos. O alcance de 2^{kl.} pode ser atingido em condições favoráveis com os projectores ligeiros de 60^{cm.}, que teem sobre os primeiros, a vantagem de serem menos vulneráveis e mais moveis.

Esta ultima qualidade, contribue para os tornar mais prati-

cos na guerra de campanha, onde os projectores pesados parecem demasiado encomodos.

Nos combates a distancia proxima, quer se trate de guerra de sitio, quer da de campanha, é necessario recorrer aos projectores portateis de 25^{cm} que fornecem feixes luminosos com o alcance de 800 a 1:000 metros, e são ao mesmo tempo de facil deslocamento, possuindo fraca vulnerabilidade.

Os projectores anexos a um grupo de baterias, devem, tanto quanto possivel, ser estabelecidos em pontos elevados, sitos na frente e lateralmente áquelas. Se estes projectores não estiverem na visinhança immediata das baterias, é preciso recorrer ao telefone para dirigir com precisão os feixes luminosos sobre o objectivo a bater.

Pode-se, empregando dois projectores, aumentar a intensidade de iluminação ou alargar a zona iluminada. É igualmente possivel servir-se de um projector para observar o terreno e dum outro para iluminar o objectivo.



CRÓNICA MILITAR

Alemanha

O problema da alimentação. — Desde a aparição do pão «K. K. Brot» (*Kartoffelkriegs brot*) o pão de guerra alemão, e a regulamentação do consumo de farinhas de cereais, tem-se emitido, em França, sobretudo, opiniões exageradas relativas aos recursos de que dispõe o imperio alemão para atender á subsistencia dos seus habitantes.

O pão de guerra tem por base o amido de batata cujo fabrico é corrente no país e constitue uma industria prospera.

Não só na Alemanha, mas na Inglaterra, o amido de batata entra normalmente na composição de certos pães, que neste ultimo país tem forma cubica, sendo apenas dotados de codea, e constituem um pão branco, leve, esponjoso que absorve muito bem os liquidos; que se conserva durante varios dias.

Mas o pão alemão, sêgundo dizem os franceses e afirmam os que o têm provado, está muito longe de ter essas boas condições, devendo advertir-se que esta ultima afirmação é baseada no gosto dado não ao pão de guerra feito na Alemanha, mas a uma amostra preparada em França sêgundo a formula alemã e por padeiros que conhecem bem os processos de panificação dos alemães. Este pão é pouco saboroso, compacto, pesado, indigesto, extremamente laxativo e que se conserva muito mal.

A' falta de farinha de trigo, muito melhor é, na opinião dos franceses, o pão de arroz, muito rico em um amido de qualidade superior e misturado com a farinha de trigo na proporção de 20 %, dá um pão muito nutritivo e de sabor agradável. E' sabido, por outro lado, que o pão japonês, rico em arroz, dá excelentes resultados e é muito apreciado nos países do extremo Oriente.

E' curioso observar que a suposta falta de alimentos e a não menos hipotetica de explosivos atribuidas aos imperios centrais, obedecem á falta de um mesmo elemento químico: o azote, que embora se encontre em quantidade inextinguivel no ar, não se acha sob forma de albuminoides, como é necessario para os alimentos, nem de nitratos como é preciso para os explosivos. Este elemento que sob uma forma assimilavel e barata resolveria o difficil problema de acabar com o pauperismo, deve proporcionar-lo a terra cultivada. Os nitratos do Chile e do Peru, onde ha imensos jazigos, são actualmente inexportaveis para a Alemanha, que necessita de recorrer a outros meios para sair da penuria em que se encontra.

Muito antes da guerra, a Alemanha preocupava-se em obter alimentos azotados que substituíssem os correntes (carne, queijo, legumes, ovos, etc.) e alimentos carbohidratados em substituição de gordura, açúcar, alcool, etc.,

embora antes da guerra as experiencias se encaminhassem para a obtenção dos primeiros, ao passo que ha um ano a esta parte se dirigem de preferencia a obter os segundos.

A cellulose e em particular a pasta de madeira foram tratadas pelos quimicos alemães para conseguir produtos carbohidratados digestiveis.

A sacarificação desta substancia é problema tecnicamente resolvido e constitue uma nova e florescente industria no Canadá e nos Estados-Unidos da America do Norte.

França

Dreadnought do ar. — Em plena guerra, e em vista das exigencias que a luta nos ares veio impôr, os franceses idearam um gigantesco triplano que vem a ser o remate de todos os melhoramentos conhecidos em materia de aviação.

Este aparelho é capaz de transportar 12 homens, metade dos quais constituem a sua tripulação, composta de 2 pilotos, 2 observadores e 2 artilheiros. O armamento consta de 4 peças de 37 milímetros.

Este novo *superplano* é dotado duma velocidade media de 80 milhas (148 ql.), e foi construido por preço relativamente baixo, se o compararmos com o do zeppelin, não obstante possuir todas as suas vantagens, incluindo as de estabilidade, capacidade de transporte, velocidade e duração. Além disso é menos vulneravel.

Até agora, nada se produziu em materia de aeronautica tão completo como este novo triplano. Depois de suportado com exito as mais severas provas, saiu este aparelho para a frente com os olhos de toda a França postos nesta nova criação do engenho francês. E' de esperar que, dadas as suas condições, o bombardeamento das posições inimigas executado por este novo monstro do ar seja ainda mais eficaz que o da artilharia.

Digno companheiro deste aparelho é o nosso destroyer do ar. Um biplano dum só motor, com a extensão d'ala de 6^m, uma velocidade de 100 milhas por hora, e armado com uma metralhadora servida pelo mesmo piloto, que além disso fazia o papel de observador.

Este novo modelo de aeroplano veloz, está destinado a ser o explorador do ar e desempenhar neste elemento o papel que os destroyers desempenham no mar.

Em flexibilidade e facilidade de manobra excede a dos outros tipos até agora conhecidos. Os aeroplanos desta classe podem-se elevar quasi verticalmente a uma altura de 1.000 jardas (914 metros) em 40 segundos, e podem ser manejados pelo piloto sem fazer uso das mãos, a fim de poder-las empregar em atacar o inimigo ou em fazer observações.

Quando nos recordamos de que ainda ha 6 anos não existia a aviação militar, e que foi durante os ultimos 6 meses quando os franceses instruíram os seus aviadores, é que se podem apreciar os surpreendentes melhoramentos levados a efeito.

Antes da guerra construíram-se em França, todos os anos, de 150 a 200 aeroplanos. Hoje só uma fabrica produz diariamente 5 desses aparelhos, e existem outras mais que podem construir quasi que o mesmo numero.

Os franceses notaram que a eficacia dos raids aereos depende principal-

mente do numero de aparelhos que nele tomam parte, pelo que, com o mesmo zelo que se trata de produzir o maior numero possivel de aeronaves, tratam tambem de constituir novas unidades de aviadores, cujo serviço funciona hoje com inteira independencia dos demais. Um coronel aviador, affecto ao Quartel general, serve de intermediário entre a aviação e os outros ramos do serviço.

Actualmente tem os franceses instruido para os serviços de aviação uns 150 homens, todos veteranos de guerra, representando as armas distintas, embora a maioria proceda de artilharia.

Nunca a França mostrou maior interesse que o que está agora empregando no desenvolvimento deste serviço.

Para os franceses, a aviação passou já do periodo experimental e pretende-se tirar o melhor partido possivel duma arma que tão vasto campo oferece á actividade militar.

O monoplano foi abandonado por se considerar um modelo antiquado, e usam-se biplanos e triplanos. Trabalha-se sem cessar para conseguir um modelo silencioso que abafe o ruido dos motores, pois o estrondo que estes produzem trabalhando a grande velocidade é de ensurdecer e prejudicial para o desempenho do serviço confiado ao aviador em um vôo prolongado.

Tão convencidos estão os franceses de que a luta no ar é tudo questão de numero, que se estão realisando com frequencia manobras de aeroplanos em flotilhas de 40 e mais aparelhos, na certeza de que os raids que se levem a cabo hão de deixar bem assegurado o poder ofensivo da nova arma.

Grecia

A sua força militar. — Nas guerras balkanicas a Grecia aumentou o seu territorio de 42.700 quilometros, e a sua população em 1.300.000 habitantes, de maneira que actualmente possui uma extensão de 108.000 quilometros quadrados e uma população de 4.400.000 habitantes. Em relação com o aumento de territorio, o exercito foi consideravelmente reforçado.

Antes da guerra dos Balkans, constava unicamente de 3 divisões. Todos os esforços do governo para o aumentar, fracassaram em consequencia das desordens politicas de ordem interna e de falta de dinheiro. A guerra de 1912-13 uniu o povo e proporcionou o dinheiro necessario para a nova organização.

Durante dois anos de guerra crearam-se 7 novas divisões, que se mantiveram depois da paz.

A lei militar de agosto de 1913, dividiu o país em 6 distritos militares, em cada um dos quais devia existir um corpo de exercito de duas divisões, ao terminar a realização da lei apresentada.

Dos 6 corpos, correspondia um á antiga Grecia, outro á Thessalia, outro ao Epiro e os três restantes aos territorios macedonicos pertencentes á Turquia antes da campanha.

Quando estalou o conflito europeu, havia terminado já a organização de 10 divisões, estabelecidas; a primeira, em Larissa; a segunda em Athenas; a terceira, a oitava e nona no Epiro; a quarta, em Salonica; a sexta e setima, em Seres e Drama; a decima e decima primeira em Vervia e Kozani. A quinta divisão foi organisada mais tarde, de modo que o exercito consta actualmente de onze divisões.

A lei militar de 1912 completou-se aumentando a duração do serviço militar, passando a ser de 35 anos em vez de 31, de modo que compreende agora desde os 20 aos 55 anos de idade. O soldado grego serve então : 2 anos no activo, 10 na primeira reserva e 9 na segunda, e depois 7 anos no exercito territorial e 7 na sua reserva. Os excedentes servem 6 meses na infantaria e os apurados sob condição são destinados aos serviços auxiliares. Os isentos do serviço pagam um imposto militar.

O contingente anual é constituído por uns 50.000 homens, dos quais se recrutam dois terços. As tropas activas e a primeira e segunda reservas constituem o exercito de operações. O exercito territorial emprega-se nos serviços de etapes e de guarnição dentro e fóra do país ; a sua reserva, só em serviço de guarnição dentro do país. O exercito de operações consta de 12 divisões mixtas e uma brigada de cavalaria independente.

A divisão compõe-se de 3 regimentos de infantaria a 3 batalhões ; um batalhão de caçadores ; um esquadrão ; um regimento de artilharia a 6 baterias ; um batalhão de engenheiros com 2 companhias de sapadores, uma de pontoneiros e 1 de telegrafistas ; uma companhia de trem ; outra de saude e os elementos necessarios para o transporte de secções e cartuchos.

O efectivo de combate da divisão, é como se segue : 10.000 espingardas, 16 metralhadoras, 150 espadas e 24 peças.

A brigada de cavalaria consta actualmente de 2 regimentos a 4 esquadrões. Existem alem disso 3 grupos de artilharia de montanha, a 3 baterias ; um grupo de artilharia pesada, a 3 baterias e uma companhia de aerostação.

Noticias doutra origem afirmam que as divisões devem atingir em tempo de guerra um efectivo de 18.000 espingardas, de maneira que haja que contar com uma organização de 8 novos batalhões em cada divisão ; parece que existe bastante pessoal instruido para realisa-lo. O regimento de artilharia elevaria a 12 o numero das suas baterias. Se admitirmos estes Algarismos como certos, o exercito de operações constaria de 216.000 espingardas, 384 metralhadoras, 3.000 espadas e 576 peças.

A estas ha a somar além disso a gendarmaria, composta actualmente de 32 companhias e 5 esquadrões ; no total, 20.000 homens, que se distribuem pelas divisões segundo as necessidades de cada uma.

O armamento do exercito é moderno : espingarda de repetição Manlicher, de 6,5 milímetros de calibre ; carabina ; peça de tiro rapido Schneider-Creusot, de 75^{mm} e um grande numero de peças Krupp antiquadas. O uniforme é de kaki para todas as armas.

A instrução foi dirigida durante alguns anos por uma missão francesa ; pode admitir-se que terá sido apropriada para a guerra. A disciplina tambem é elogiada.

A marinha de guerra, organizada por uma missão inglesa, é pequena em numero. Consiste nos navios *Kilkis* e *Lemnos*, comprados em junho do ano actual aos Estados-Unidos ; cada um tem um deslocamento de 14.700 toneladas, e o armamento de 4 peças de 30,5, 8 de 20,3 e 18 de 17,8 ; a sua velocidade é de 17 milhas.

Tem a Grecia alem disso o cruzador-couraçado *Aneroff* de 10.100 toneladas, com 4 canhões de 23,4 e 8 de 19 centímetros, 14 destroyers, 14 torpedeiros e 2 submarinos.

Grande numero de barcos estão em construção em Inglaterra, e na Alemanha construiu-se o grande barco *Salemis*, de 19.000 toneladas. Não possui a Grecia uma base naval moderna. Como pontos de guerra servem o Pireo, Salonica, Corfú e outros.

Servia

O seu exercito.—Este exercito tem 8 meses de armistício tacito, utilisaveis para repôr as suas perdas em homens e material.

A ofensiva austro-hungara, em outubro e novembro do ano anterior chegou a dezembro até mais além de Kolubara, a uns 80 quilometros da fronteira da Bosnia.

A cidade de Valjevo; fortemente fortificada, foi tomada. Nas alturas do S. E. da linha alcançada encontrou o atacante o grosso do exercito servio.

A neve e a chuva haviam estragado de tal modo os caminhos, que se tornou impossivel continuar a fazer provisão de viveres e munições para o exercito invasor. Nestas circumstancias, o exercito austriaco não podia dar a batalha decisiva, e abandonou a ofensiva, evacuando o territorio servio. Depois de difficil retirada, as tropas não perderam o seu espirito e seguiam dispostas a novas luctas. O comando deveu, não obstante, adoptar uma attitude defensiva e limitar-se a impedir que os servios passassem a fronteira, posto que por outra parte quasi todas as tropas disponiveis foram levadas para os Carpathos, para deter a invasão russa.

O exercito servio, em compensação, estava tão debilitado, que deteve a sua ofensiva na Bosnia, e não pôde corresponder á solicitação das nações aliadas para invadir a Hungria e juntar-se ao exercito russo que luctava nos Carpathos. Em resumo, só teve escaramuças de fronteira, dedicando-se incessantemente ao restabelecimento do seu poderio militar.

As vagas existentes no corpo de officiaes preencheram-se nomeando um consideravel numero de officiaes de reserva, que terminaram a sua instrução na frente de batalha, comandando os unidades correspondentes ao seu posto.

Os efêtivos de soldados completaram-se de novo chamando mancebos de 17 anos e destinando ao exercito de 1.^a linha, soldados de milicia.

Para calcular a força actual do exercito, é preciso partir dos efêtivos que tinha antes do começo da guerra.

Depois do tratado de Bucarest, que valeu á Servia a aquisição de 34 quilometros quadrados de territorio e 1.250.000 habitantes, ele começou immediatamente a reorganisação da sua força militar. Nas provincias adquiridas introduziu o serviço militar obrigatorio, estabelecido na nação desde 1901. Segundo a lei, todos os servios são obrigados a servir dois anos no exercito activo, 8 na primeira reserva, 7 na segunda, outros 7 na terceira; como tropas de substituição, desde os 18 aos 20 anos e na milicia desde os 46 aos 50. Existiam então 5 distritos divisionarios, com 20 regimentos de infantaria e estavam preparados os quadros de outras 5 divisões, que deviam mobilisar-se em caso de guerra.

O exercito grupava-se, por conseguinte, no principio da guerra, em 10 divisões, cada uma de 4 regimentos de infantaria, a 4 batalhões de 4 companhias e uma companhia de metralhadoras; um regimento de cavalaria de 4 esquadrões; um regimento de artilharia, de 9 baterias; meio batalhão de sa-

padores, com uma unidade de pontes; uma secção de telegrafos e o material necessario para os serviços sanitarios, municiamiento e transporte de viveres. A divisão tinha, pois, 16 batalhões, 4 esquadrões e 9 baterias, com um efetivo de 17.000 espingardas, 600 espadas, 37 peças de artilharia e 16 metralhadoras.

A segunda reserva compunha-se tambem de 5 divisões e talvez durante a guerra se tinha duplicado o numero destas: Cada divisão de reserva consta de 3 regimentos de infantaria a 4 batalhões e uma companhia de metralhadoras: tendo, além disso, 2 esquadrões, um regimento de artilharia a 9 baterias, meio batalhão de sapadores e os elementos de saude e aprovisionamento de munições e viveres. O efetivo destas divisões era de 15.060 espingardas, 300 espadas 36 canhões e 12 metralhadoras.

Além das tropas anteriormente e numeradas, existia uma divisão de cavalaria de 4 regimentos (16 esquadrões), com 4 companhias de metralhadoras e um grupo de 2 baterias de artilharia a cavalo. Em artilharia dispunha-se além disso de um regimento de montanha, de 9 baterias, com peças de tiro rapid6; outro regimento de montanha, afêta á reserva, com 7 baterias e 2 batalhões de fortaleza. Tambem se contava com 2 companhias de caminhos de ferro e uma de mineiros.

Todas estas tropas de primeira e segunda linha constituíam o exercito de operações com uma força aproximada de 530.000 espingardas, 9.000 espadas, 626 peças de artilharia e 236 metralhadoras. No total, uns 290.000 homens.

A terceira reserva tinha, aproximadamente, 60 batalhões, 5 esquadrões, algumas metralhadoras e novas baterias com material antiquado.

O conjunto de forças combatentes, sem a milicia, subia, pois, a 350.000 homens, em numeros redondos.

As baixas sofridas na guerra podem calcular-se em 16.000 prisioneiros, 50.000 mortos ou feridos em combate e 30 mortos em resultado das epidemias (peste, tifo, etc); no total, uns 100.000 homens, que haverão sido substituidos na sua maior parte com feridos curados, voluntarios e novos chamamentos.

De modo que a força atual deve calcular-se, pelo menos, em 300.000 homens. Na instrução e treinamento deste exercito, para o tornar um instrumento eficaz na guerra, trabalhou-se seguramente com grande zelo nos 8 meses de paz.

Os especialistas austriacos, conhecedores do exercito e do territorio servio, afirmavam desde o principio que a campanha contra a Servia era empreza difficil ainda para uma grande potencia e reconheciam francamente as virtudes militares do soldado servio e as vantagens que o país oferece á defesa.

DIVERSOS

As balas dum-dum e a guerra atual.—No começo da guerra, sobretudo, eram frequentes as queixas, das duas bandas, pelo emprego que dos projéteis explosivos se vinha fazendo, não obstante a proibição existente entre processos tão deshumanos da guerra. Sejam ou não certos os factos que motivaram os protestos, em principio cabe suspeitar de todos os beligerantes que empregam a bala ponteguda.

Efetivamente, a composição corrente da bala de espingarda, consiste em

um envolucro daço, cobre ou cobre-niquel, que aloja dentro um nucleo geralmente de chumbo.

Este envolucro é dáço na Austria, Bulgaria e Suecia; dáço ou cobre-niquel na Alemanha, Holanda e Turquia, e de cobre-niquel sómenté, na Inglaterra, Russia, Italia e Belgica. A França é a unica que emprega a bala solida, sem envolucro de especie alguma.

É possível que em alguns casos se tenha chegado intencionadamente á deformação da bala.

A palavra *dum-dum* começou a empregar-se durante a campanha dos ingleses na Afgham. A bala, então regulamentar, tinha pouco poder, e procurou-se uma mais eficaz, contando a ogiva até ficar a descoberto o chumbo do interior, obrigando assim o projétil a achatar-se no momento do choque.

O nome tomou-o no Arsenal indio onde se construiu pela primeira vez.

Os desvios apparentes dos convenios estabelecidos pelas nações civilisadas promovendo o uso desta especie de projéteis, obedeceu indubitavelmente a transgressões individuais entre os soldados dos diferentes exercitos, sendo a verdadeira causa das queixas proferidas, o novo sistema de bala em parte adoptado por quasi todos eles. A sua grande velocidade inicial, a facilidade com que se desvia da sua trajetória, e o facto de ter o centro de gravidade mais proximo da base do que da ogiva, são rasões mais que suficientes para produzir rasgões nos tecidos ainda que as feridas por eles produzidas sejam impercétiveis.

A este proposito relata um reputado escritor militar, dedicado a esta especie de estudos, as suas experiencias com a espingarda Springfield, exprimindo-se nos seguintes termos: «Em uma ocasião matei 5 cabras com 5 projéteis desta especie. Todos elas morreram instantaneamente, mas os efeitos das balas nos corpos dos animais foram completamente diferentes.

Uma apresentava uma larga cortadura, como se houvesse sido ferida uma grande peça; outra não oferecia sinal perceptivel da entrada e saída do projétil; uma terceira tinha uma cortadura no lombo, como se tivesse sido produzida por uma faca de cortador e a bala somente penetrou o preciso para quebrar a espinha dorsal. E, finalmente, outra bala produziu uma verdadeira carnificina na espadua do animal tocado, onde se encontrava o orificio da saída.

A cavalaria das nações beligerantes. — A *Revista de Cavaleria*, italiana, publica um interessante estudo com o titulo supra-mencionado.

O *cossaco russo* é originario dos territorios meridionais e sudorientais da Russia. Como soldado, é forte, valente e guerreiro, mas carece de iniciativa.

Dorme ao ar livre sempre que é necessario. Permanece a cavalo durante dias inteiros, se fôr preciso, sem a menor fadiga, e galopa com a mesma rapidez nos caminhos montanhosos como nas planicies.

A sua carreira militar começa aos 18 anos. Ao alistar-se aborda o seu proprio cavalo, que no geral é excelente.

O seu armamento compõe-se de pistola, sabre, punhal e carabina e se é das regiões de Don ou dos Urais, tambem leva lança. Durante os tres primeiros anos serve na classe que eles chamam preparatoria; depois, 12 anos no ativo, 5 na classe auxiliar e 10 na milicia, sendo os requisitos de admissão que

se exigem, possuir uma estatura compreendida entre 1^m,52 e 1^m,72 e não pesar mais de 150 libras.

Em tempo de paz conta a Russia com 137 regimentos de cossacos, sendo o efetivo de guerra de cada uma destas unidades, 37 oficiais, 933 praças e 1.070 solípedes.

Os regimentos alemães de *hulanos* estão organizados em 5 esquadrões com efetivos, em pé de guerra, de 36 oficiais, 810 praças e 860 solípedes. O Governo escolhe para estas unidades uma classe especial de cavalos, cuja altura não pôde ser inferior a 1^m,46. O seu armamento consta de lança e carabina Mauser. É condição necessaria, para fazer parte destes regimentos, ser bom cavaleiro, gosar de boa saude, ter o torax bem desenvolvido e estatura compreendida entre 1^m,52 e 1^m,74.

O *dragão francês* é o maior inimigo do hulano alemão, diferindo a tática dum do outro, pois que o primeiro preconiza o emprego da espingarda, ao passo que o hulano é partidario da lança.

O *dragão* é um soldado são, forte e acostumado á fadiga. No geral, é inteligente, possui grande iniciativa e instrução de tiro bastante completa.

A carabina e a espada direita constitue o seu armamento, sendo armados de lança os que fazem parte da cavalaria independente. A sua estatura oscila entre 1^m,63 e 1^m,73; não devem ser pesados e deve possuir qualidade de cavaleiro. A altura dos seus cavalos varia entre 1^m,40 a 1^m,67 e a idade entre 4 a 6 anos.

O *hussard* austriaco é recrutado entre as diferentes raças da Austria. É um homem forte, proprio para a fadiga e muito fiel ao velho Imperador. Para ser admitido exigem-se-lhe determinadas condições de saude e estatura variando de 1^m,52 a 1^m,76.

Os estabelecimentos de remonta do Governo fornecem cavalos especiais para os regimentos desta especie de tropas.

A *Cavalaria inglesa* tem 31 regimentos, 3 dos quais denominados de Guarda, que estão sempre de guarnição na metropole. Em tempo de paz, cada regimento tem 3 esquadrões e uma secção de metralhadoras, com um pessoal de 24 oficiais, 55 sargentos, 8 trombetas, 343 cabos e soldados e 280 cavalos. O efectivo de guerra eleva-se a 540 praças e 500 cavalos. Os melhores recrutas são destinados aos regimentos de Guarda.

As tropas *indianas* que fazem parte da cavalaria inglesa, compreendem 39 regimentos, dos quais 14 de lanceiros, 24 de caçadores e o restante é formado por soldados instructores (Fuglemen).

Varios destes regimentos estão agora em França.

Cada regimento indiano tem 16 oficiais ingleses e 17 indios e conta com 610 soldados, todos indios e uma secção de metralhadoras. Os soldados indios são armados de lança e espingarda de infantaria e os regimentos de caçadores usam sabre. Os cavalos de uns e outros são excelentes.

A *cavalaria belga* consta de 2 regimentos de caçadores, 2 de instructores e 4 de lanceiros. Cada regimento de caçadores compõe-se de 5 esquadrões e outro de deposito.

Os esquadrões tem 5 oficiais, 130 soldados e 130 cavalos; o armamento das praças é a carabina e uma lança comprida.

O efectivo total desta arma sobe a 350 oficiais, 8.800 praças e 9.000 ca-

valos, a maior parte dos quais tem que ser importados ; muitos deles procedem da Irlanda.

A Servia tem 4 regimentos de cavalaria a 4 esquadrões cada um, e um esquadrão da Guarda, chamado o primeiro regimento de *Obilizi*. Em tempo de paz, o efetivo de um esquadrão abrange 4 oficiais, 200 praças e 180 cavalos ; o armamento das praças é a espingarda Mauser e espada comprida direita. Os oficiais usam pistola.

A cavalaria turca compreende 40 regimentos a 5 esquadrões cada um.

Em cada esquadrão ha 4 oficiais e 120 soldados. Da tribu guerreira da Anatolia incorporaram-se nas forças turcas 24 regimentos de kurdos, que tratam de imitar os cossacos russos.

Os primeiros regimentos de cada divisão estão armados de lança e os restantes usam espada com dois gumes. Além disso todos tem carabina.

Os cavalos que se criam na Turquia, não são muito bons, razão porque grande parte dos que são precisos, tem que ser importados.

As baixas na atual campanha são menores, em comparação, do que nas grandes guerras anteriores. — Quando se publicarem os algarismos oficiais de baixas e depois de estabelecida a paz, acharemos de certo com surpresa que a percentagem de baixas, tem sido até agora menor que nas grandes guerras anteriores, em igual numero de efectivos e duração de combates e batalhas.

Com os milhões d'homens que estão lutando em todas as frentes, o numero de baixas reunidas, que seria de um resultado aterrador em uma guerra de menor importancia, perde um tanto do seu valor. Uma simples consideração autentica bastará para confirmar esta asserção. 10 por cento de baixas, em um milhar de soldados, significa uma perda de 100 homens ; e 20 homens fora do combate (ou seja a quinta parte do numero anterior) por cada 100 que combatem, representa 20 por cento de baixas.

Pois bem, para quem não está acostumado ao calculo de baixas, a perda dos 100 homens acusa uma luta mais mortifera do que a dos 20, sendo assim que estas ultimas equivale a um encontro duas vezes mais sangrento.

Para exercitos com efectivos de 50:000 soldados, um total de baixas de 10:000 homens em cada um, é uma perda consideravel ; mas este mesmo numero de baixas quando combatem dois milhões de soldados, resultam triviais, ao deduzir a proporção que a cada 100 homens corresponde.

Hudson Maxim, o famoso perito em explosivos, homem que ha muitos anos se dedica ao estudo das guerras, fez esta mesma afirmação. Em uma *interview* realizada com um redactor do *New York Times*, exprime-se nos seguintes termos: «Á medida que os anos passam e o progresso humano se manifesta, tem ido aparecendo em todos os países novos processos de combate, todos eles comparaveis ao moderno mecanismo aplicado á industria para economisar braços, mas que impressiona o publico, por tender a tornar mais efectivos os esforços de destruição. Mas, se nesta guerra se combatesse a machado, a espada e a lança, contando com os atuais meios de transporte, e se os enormes efectivos que hoje procuram desfazer-se, se encontrassem em um campo aberto, em vez de combater em posições entrincheiradas, a proporção da mortalidade seria decerto 100 vezes maior do que é hoje para efectivos

iguais e combates da mesma duração. Hoje estamos horrorizados por esta carnificina, mas o sangue que implicaria uma reversão aos tempos antigos, significaria tanto como a quasi destruição da raça nas nações em luta».

Ouvimos dizer, que um novo projectil será capaz de levar a morte á distancia de 20 milhas, e em seguida tiramos a conclusão de que as baixas hão-de ser necessariamente maiores, sem ter em conta o facto provado de que á medida que desenvolve maior potencia, arraiga mais a tendencia a depender do fogo a grandes distancias, com a consequencia de que as batalhas são cada vez mais impressionaveis. A artilharia russa, tem estado fazendo fogo contra o inimigo, durante meses inteiros sem ter visto alemães vivos, senão os prisioneiros.

É um facto universalmente comprovado, que os progressos no armamento, trazem consigo uma diminuição na percentagem das baixas.

O tenente Charles A. L. Totten, do exercito dos Estados-Unidos, acaba de publicar a este proposito uma curiosa estatistica, em que o demonstra concludentemente. Dividindo as guerras dos ultimos 300 anos, em cinco períodos, obtem-se os seguintes resultados :

Em 7 batalhas, Leipzig a Seneff, 1631 a 1634, periodo compreendido entre a introdução das armas de fogo e o uso da baioneta, a percentagem das baixas foi de 25,5.

No segundo periodo de 22 batalhas, Hohanfriedberg a Rantzen, 1745 a 1813, o periodo Brown Bess, com a baioneta, a percentagem das perdas foi de 20,7. No terceiro periodo, o das armas estriadas, 11 batalhas, desde a de Alma até á de Chickamange, 1854 a 1863, a percentagem desceu a 15,5. No quarto periodo, espingarda de carregar pela culatra, 6 batalhas, Komoggratz a Sedan, 1866 a 1870, a proporção das baixas foi de 11 por cento. E em um quinto periodo, 7 batalhas, desde as Lonas de San Juan (Santiago de Cuba) a Mukden, 1898 a 1905, a percentagem não passou de 10 por cento.

II

PARTE MARITIMA

Lista das perdas navais dos beligerantes, desde o principio da guerra até 31 de dezembro

Inglaterra

Especie	Navio	Tonelagem	Causa	Observações
Couraço.....	<i>Audacious</i> (?)	27:000	Mina (?)	Não confirmado
»	<i>Bulwark</i>	15:250	(?)	Confirmado
Cruz.-cour.....	<i>Good Hope</i>	14:300	Canhão	»
»	<i>Monmouth</i>	9:950	»	»
»	<i>Aboukir</i>	12:200	Torpedo	»
»	<i>Cressy</i>	12:200	»	»
»	<i>Hogue</i>	12:000	»	»
Cruz.	<i>Hawke</i>	7:820	»	»
»	<i>Hermes</i>	5:700	»	»
Cruz. de res. ..	<i>Amphion</i>	3:400	Mina	»
»	<i>Pathfinder</i>	3:000	»	»
Cruz.....	<i>Pegasus</i>	2:200	Canhão	»
Canh.....	<i>Speady</i>	800	Mina	»
»	<i>Niger</i>	820	Torpedo	»
Subm.	<i>A. E. 1</i>	825	Acidente	»
»	<i>E. 3</i>	825	Canhão	»
»	<i>D. 5</i>	610	Mina	»

Nota.—Dá-se como certo que o *Audacious* está em reparação.

França

Especie	Navio	Tonelagem	Causa	Observações
Canh.	<i>Zélée</i>	647	Canhão	Confirmado
Subm.	<i>Curie</i>	390	»	»
Torp.	<i>Mousquet</i>	303	»	»
»	<i>347</i>	100	Choque	»
»	<i>348</i>	100	»	»

Nota.—Um couraçado de classe *Courbet* em reparações, por avaria de torpedo.

Russia

Especie	Navio	Tonelagem	Causa	Observações
Couraço.	<i>Audrea Pervosvanngi</i>	17:400	(?)	Não confirmado
Cruz.-couraç...	<i>Pallada</i>	8:000	Torpedo	Confirmado

Especie	Navio	Tonelagem	Causa	Observações
Canh.	<i>Donetz</i>	1:250	Torpedo	Confirmado
Min.	<i>Pruth</i>	5:000	Canhão	»

Japão

Especie	Navio	Tonelagem	Causa	Observações
Cruz.....	<i>Takashibro</i>	3:700	Mina	Confirmado
Dest.....	<i>Slurotaye</i>	380	Encalhado	»
Torp.	<i>33</i>	110	Mina	»

Alemanha

Especie	Navio	Tonelagem	Causa	Observações
Cruz.-cour.	<i>Goeben</i>	22:600	Troca de band.	Confirmado
» »	<i>Scharnhorst</i>	11:600	Canhão	»
» »	<i>Gneisenan</i>	11:600	»	»
» »	<i>York</i>	9:500	»	»
Cruz.....	<i>Friedrich Karl</i>	8:850	»	Não conf.
»	<i>Megdeburg</i>	4:550	»	Confirmado
»	<i>Mainz</i>	4:350	»	»
»	<i>Koln</i>	4:350	»	»
Cruz	<i>Nuremberg</i>	3:450	Canhão	Confirmado
»	<i>Emden</i>	3:650	»	»
»	<i>Koenisberg</i>	3:400	Engarrafado	»
»	<i>Breslau</i>	4:500	Troca de band.	»
»	<i>Leipzig</i>	3:250	Canhão	»
»	<i>Ausburg</i>	4:300	Torpedo	Não confir.
»	<i>Ariadne</i>	2:650	Canhão	Confirmado
»	<i>Hela</i>	2:040	Torpedo	»
Canh.	<i>Geier</i>	1:630	Desarmado	»
»	<i>Kormoran</i>	1:630	Destr. volunt.	»
»	<i>Illis</i>	900	» »	»
»	<i>Tiger</i>	900	» »	»
»	<i>Jaguar</i>	900	» »	»
»	<i>Luchs</i>	900	» »	»
»	<i>Moewe</i>	650	» »	»
»	<i>Tsin Tau</i>	220	Desarmado	»
»	<i>Vaterland</i>	220	»	»
»	<i>Eber</i>	220	»	»
Dest.....	<i>V. 187</i>	650	Canhão	»
»	<i>S. 126</i>	490	Torpedo	»
»	<i>S. 115</i>	420	Canhão	»
»	<i>S. 118</i>	420	»	»
»	<i>S. 119</i>	420	»	»
»	<i>S. 114</i>	420	Choque	»
»	<i>S: 90</i>	400	Mina	»

Especie	Navia	Tonelagem	Causa	Observações
Torp.	<i>Taku</i>	280	Destr. volunt.	Confirmado
Sub.	<i>U. 15</i>	500	Canhão	»
»	<i>U. 18</i>	500	Esporão	»
Min.	<i>Koenigin Loire</i>	2:500	Canhão	»
C. an.	<i>Kaiser Wilhelm II</i> ..	19:000	»	»
» »	<i>Kaiser Wilhelm d' Gr.</i>	14:300	»	»
» »	<i>Kronprinzessin Cecilie</i>	19:000	Capturado	»
» »	<i>Cap Trafalgar</i>	18:000	Canhão	»
» »	<i>Berlin</i>	18:700	Desarmado	»
» »	<i>Neptune</i>	(?)	»	»
» »	<i>Oxford</i>	(?)	»	»

Nota.—A perda do cruzador *Ausburg* não está confirmada.

Austria

Especie	Navio	Tonelagem	Causa	Observações
Cour.	<i>Viribus Unitis</i> (?)...	20:000	Torpedo	Não conf.
Cruz.	<i>Kaiserin Elisabeth</i> ..	4:000	Destr. volunt.	Confirmado
Cruz.	<i>Zenta</i>	2:350	Canhão	»
Canh.	<i>Temes</i>	440	Mina	»
Torp.	<i>Num. 19</i>	200	»	Não conf.

Notas.—O couraçado *Viribus Unitis*, segundo as ultimas noticias, está apenas avariado.

—O afundamento do *Zrinyi* não se confirmou.

Turquia

Especie	Navio	Tonelagem	Causa	Observações
Cruz.-cour.	<i>Sultão Selim</i> (?)	22:600	Canhão	Não conf.
Cruz.	<i>Messudich</i>	9:120	Torpedo	Confirmado
»	<i>Hamidich</i>	3:800	Mina	Não conf.
Canh.	<i>Berac Reis</i>	500	Destr. volunt.	Confirmado.

Notas.—O *Sultão Selim* está somente avariado.

—A perda do cruz. *Hamidich* é negada pelos turcos.

Resumo das perdas confirmadas

Inglaterra—Couraçados, 1; cruzadores-couraçados, 5; cruzadores, 5; canhoneiras, 2; submarinos, 3; total, 16 navios com 92:890 toneladas.

França—Canhoneiras, 1; submarinos, 1; torpedeiros, 3; total, 5 navios com 1:540 toneladas.

Rússia—Cruzadores-couraçados, 1; cruzadores, 1; canhoneiras, 1; lanças-minas, 1; total, 4 navios, com 17:430 toneladas.

Japão—Cruzadores, 1; destroyers, 1; torpedeiros, 1; total, 3 navios com 4:190 toneladas.

Alemanha—Cruzadores-couraçados, 4; cruzadores, 11 (não incluindo os cruzadores-auxiliares); canhoneiras, 10; destroyers, 9; submarinos, 2; total, 36 navios com 79.040 toneladas.

Austria—Cruzadores, 2; canhoneiras, 1; torpedeiros, 1; total, 4 navios com 6:990 toneladas.

Turquia—Couraçados, 1; canhoneiras, 1; total, 2 navios com 9:620 toneladas.

BIBLIOGRAFIA

PERIODICOS

Argentina

- 1 *Revista militar*, n.º 274 de noviembre de 1915. Escuela superior de guerra — Memoria del ejercicio de infantería (n.º 5) desenrollado en Campo de Mayo al 18 de agosto de 1915. Maniobras regionales de 1915. Experiencias de una inspección. Proyecto de andemio flotante y útiles de zapador para campañas de infantería, Cuartel de infantería en Mercedes. Noticias oficiales.

Italia

- 1 *Rivista di cavalleria*, n.º de 15 de dezembro de 1915. Forza numerica degli ufficiali dell' arma di cavalleria. Da un mese all'altro. Pel tenente Michele de Bonis. A la brigata Sassari. Cavalleria e fanteria montata. La cavalleria nelle dua guerra balcaniche (III).

Mexico

- 1 *Boletin de ingenieros*, n.º 2 de noviembre de 1915. Biografia del Gral, Pablo Gonzalez. Toma de la Plaza de México por el Cuerpo de Ejercito de Oriente. Comentar o. Carta al Director del Boletin. Post Scriptum. La guerra aérea. Fisiología de las Pólvoras. La ingenheria. Alumbrado eléctrico. Estereotopografia. Coordenadas de siete puntos conspiciuos de Veracruz. Estudios sobre las transmisiones. Comunicaciones diversas.

Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.º 12 de dezembro de 1915. Krigen VIII Vinterovelser ved kaveleriet. Ammunitions-ministerier i Frankrike for og nu. En tysk officers uttalelze om det russiske infanteri under kriegem. Dode lydzoner. Anmeldelser.